

**Eliel da Silva Evangelista**

**A ATUALIDADE DA EXCELÊNCIA MORAL EM ARISTÓTELES,  
SEGUNDO CHARLES TAYLOR**

**A EXCELÊNCIA MORAL: SUA TELEOLOGIA COMO EUDAIMONIA**

**Monografia de Licenciatura em Filosofia**

Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro, SJ

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2021

**Eliel da Silva Evangelista**

**A ATUALIDADE DA EXCELÊNCIA MORAL EM ARISTÓTELES, SEGUNDO  
CHARLES TAYLOR**

**A EXCELÊNCIA MORAL: SUA TELEOLOGIA COMO EUDAIMONIA**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro, SJ

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2021

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela oportunidade de ser quem sou e a capacidade de realizar este trabalho. Em segundo, à minha família pelo incentivo e apoio. Agradeço também a Ordem dos Pregadores, pela credibilidade e confiança. E agradeço principalmente aos meus confrades, do convento Nossa Senhora Aparecida, pelo convívio fraterno de amizade, pelos conselhos e ajuda que me proporcionam.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Elton Vitoriano Ribeiro, SJ pelas palavras, pelo apoio, pela confiança, e por me permitir trilhar com segurança, na Paz e na Tranquilidade com liberdade os caminhos traçados para a realização deste trabalho.

Agradeço a todo o colegiado do Programa da Graduação em Filosofia, que não cito nomes, sob pena de esquecer alguém. A cada um dos professores pelo aprendizado, pelo amadurecimento que me proporcionaram, pelas maravilhosas aulas e conversas em sala de aula, pela fundamentação e orientações em minha qualificação.

Agradeço aos colegas do curso de Filosofia, pelo convívio e parceria, mas especialmente aos amigos que conquistei no período, e que me acompanharam de uma forma muito constante, porém serena.

Agradeço, por fim, a todos que, de certa forma, contribuíram com minha formação pessoal e Acadêmica; a todos que passaram pela minha vida durante a experiência desse curso e que deixaram um pouquinho deles e levaram um pouquinho de mim.

## RESUMO

A partir da observação dos problemas da Sociedade hodierna, nos aspectos morais, e o seu empobrecimento da essência humana; é que reivindicamos a ética excelente das virtudes da obra aristotélica intitulada *Ética a Nicômaco*, tendo como matéria principal a busca por uma excelência moral em nossa contemporaneidade. Tendo em vista a importância dessa obra para a construção da identidade do ser excelente em sociedade, fizemos então, uma releitura dessa virtude aristotélica no pensamento do filósofo contemporâneo Charles Taylor. Para a execução deste trabalho, utilizamos o método de leitura bibliográfica, em nossa pesquisa trataremos a ideia da excelência moral em Aristóteles. Apresentando o seu significado, sua estrutura para chegar a uma excelência moral. e o seu fim último, ou seja, o ápice da moral no homem. em seguida, trataremos como Charles Taylor identifica a autenticidade como ideal moral na modernidade e sua estrutura; atualizando o ideal aristotélico que continua subjacente em nossa contemporaneidade. Retomando assim, a ética aristotélica e reinterpretando através do filósofo canadense, aproximando suas ideias, e demonstrando como a excelência leva à autorrealização também na contemporaneidade, e como essa *Ética das Virtudes* pode contribuir ao resgate do viver bem e conduzir-se bem sem abrir mão do desfrute de outros bens tão caros aos indivíduos contemporâneos.

**Palavras-Chave:** Excelência Moral, Eudaimonía, Autenticidade, Identidade, Sociedade.

## ABSTRACT

Desde la observación de los problemas de la sociedad actual, en los aspectos morales, y su empobrecimiento de la esencia humana; es que reivindicamos la excelente ética de las virtudes de la obra aristotélica titulada *Ética a Nicómaco*, que tiene como tema principal la búsqueda de la excelencia moral en nuestra contemporaneidad. En vista de la importancia de este trabajo para la construcción de la identidad del ser excelente en la sociedad, releemos luego esta virtud aristotélica en el pensamiento del filósofo contemporáneo Charles Taylor. Para la ejecución de este trabajo utilizamos el método de lectura bibliográfica, en nuestra investigación abordaremos la idea de excelencia moral en Aristóteles. Presentando su significado, su estructura para alcanzar la excelencia moral. y su fin último, es decir, la cumbre de la moralidad en el hombre. luego, nos ocuparemos de cómo Charles Taylor identifica la autenticidad como un ideal moral en la modernidad y su estructura; actualizando el ideal aristotélico que sigue siendo la base de nuestra contemporaneidad. Así, retomando la ética aristotélica y reinterpretándola a través del filósofo canadiense, acercando sus ideas y demostrando cómo la excelencia conduce a la autorrealización también en la contemporaneidad, y cómo esta Ética de las Virtudes puede contribuir al rescate del buen vivir y la conducción. bien sin renunciar al disfrute de otros bienes tan queridos por los individuos contemporáneos.

**Palabras clave:** Excelencia Moral, Eudaimonía, Autenticidad, Identidad, Sociedad.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
<b>CAPÍTULO I: A EXCELÊNCIA MORAL EM ARISTÓTELES</b>	
1.1 - Excelência.....	9
1.1.1 - Excelência Moral é igual à Virtude .....	9
1.1.2 - O Fim Último da Virtude Moral é a Felicidade.....	10
1.1.3 - Felicidade é uma Excelência da Alma .....	11
1.2 - Excelência Moral como algo a ser alcançado por meio da prática.....	11
1.2.1 - A Busca do Ser Virtuoso.....	12
1.2.2 - Fazer o Bem .....	12
1.2.3 - As Virtudes não são Inatas, Mas Adquiridas .....	13
1.2.4 - A Busca do Meio-Termo .....	14
1.3 - Definição: Virtudes Intelectuais e Virtudes Morais.....	16
1.3.1 - Virtudes Morais.....	16
1.3.2 - Sua Finalidade: o Fim Último das Ações Virtuosas é a Felicidade.....	18
1.3.3 - <i>Eudamonia</i> vincula-se ao conceito de Justiça .....	19
1.3.4 - Justiça Universal e Particular .....	21
- Conclusão .....	22
<b>CAPÍTULO 2: A ÉTICA DA AUTENTICIDADE</b>	
2.1 - Ética.....	24
2.1.1- Ética como Morada do Homem .....	24
2.1.2 - A Transformação Ética do Indivíduo pela Educação.....	25
2.2 - A Identidade Ética como Autenticidade .....	26
2.2.1 - A Autenticidade como Ideal Moral .....	28
2.2.2 - A Fidelidade a Si Mesmo .....	29
2.3 - A Ética do Reconhecimento.....	31
2.3.1- O ato do reconhecimento ético .....	32
2.3.2 - Autenticidade e reconhecimento como abertura.....	33

- Conclusão .....	34
<b>CAPÍTULO 3: EXCELÊNCIA MORAL E AUTORREALIZAÇÃO DO INDIVÍDUO EM SOCIEDADE</b>	
3.1 - A sociedade e o indivíduo: Seu caráter e sua autorrealização .....	36
3.1.1 - O caráter individual .....	37
3.1.2 - O caráter social.....	38
3.2 - A Perfeição da Excelência: Ser Autêntico.....	38
3.2.1 - Ser autêntico: o ápice da vida em sociedade .....	39
3.2.2 - Ser autêntico: construção de identidade .....	40
3.3 - Excelência e Autenticidade: como fim em si mesmo .....	41
3.3.1 - A Essencialidade do ser do Homem.....	42
3.3.2 - A plenitude da dignidade.....	43
- Conclusão .....	44
- CONCLUSÃO GERAL .....	46
- REFERÊNCIAS .....	48

## INTRODUÇÃO

Fala-se tanto de ética e moral nos dias de hoje porque os problemas morais assumem dimensões assustadoras na sociedade contemporânea. Isso não significa que em outros tempos esse tema não tenha sido relevante. Os textos dos mais destacados e influentes pensadores, filósofos, historiadores, políticos e literatos de todas as épocas nos forneceram um vasto material que comprova a constante preocupação com a ética e a moral. Porém, ao contrário do passado, o tempo atual vive grandes e aceleradas transformações que afetam não só o exterior, mas também os fundamentos do ser e do pensar, as formas de julgar e decidir, as normas e os valores. Por isso, mesmo com toda crítica da sociedade moderna à ética aristotélica, ela nos apresenta um estudo sobre o que é uma virtude perfeita, e sua constituição pelo meio-termo.

A nossa sociedade vive um momento de empobrecimento da essência do humano, que usa todos os meios em buscas materiais, utilizando comportamentos injustos e desonestos para tirar proveito de situações para obter benefícios para si. Presenciamos um momento de generalização da corrupção em todos os setores da nossa sociedade, principalmente no âmbito da política brasileira, em que político se tornou termo depreciativo de ladrão, enquanto que para Aristóteles a política tinha um papel preponderante na condução para uma sociedade justa e boa. Voltar a esse livro aristotélico, *Ética a Nicômaco*, que estuda os comportamentos humanos é dar luzes para a sociedade hodierna que anseia por uma mudança de comportamento humano mais justo e bom. Essa sociedade apresenta uma angústia frente a fragmentação da busca pela felicidade (Eudaimonia), isso em certa medida, instiga um retorno a fonte aristotélica.

A obra aristotélica *Ética a Nicômaco* embora muito antiga, aponta elementos filosóficos importantes sobre o comportamento humano, fazendo com que esses conhecimentos pudessem ser assimilados pela sociedade. Assim, analisando as ações humanas, ele apontou indicadores para conduzir os homens a um comportamento virtuoso, justo e temperante. Tal construção, deu as bases para que fossem abandonadas as más ações e priorizassem as boas ações em busca de um fim em si mesmo que é a felicidade plena do homem. Ao descrever os valores morais, Aristóteles vai apontar para um caminho do equilíbrio e não do extremismo. Para Aristóteles as virtudes poderiam ser ensinadas, porque a razão se desenvolve ao longo da vida e julga o agir, formando hábitos (*hexis*) virtuosos. Para o filósofo existem três escolhas possíveis para o homem: 1- A vida do prazer, embora possa levar a um tipo de escravidão; 2- a vida política, que ensina pelo convencimento; 3- A vida contemplativa, que possibilita ao homem alcançar a felicidade. Assim, o bem maior a conseguir é a excelência do prazer intelectual.

Por isso, em virtude do importante trabalho que fez Aristóteles em sua ética, será feita uma releitura atual sobre a excelência moral na perspectiva do filósofo contemporâneo Charles Taylor, em sua obra *A Ética da autenticidade*. Segundo ele, a cultura e a sociedade desse tempo experimentam uma dupla sensação contraditória: por um lado, é inegável o desenvolvimento civilizacional produzido pela tecnologia, entretanto, esse mesmo desenvolvimento não compreende um nível “moral”, já que, sob esse aspecto, o que se experimenta é um sentimento de declínio ou de perda. Segundo Charles Taylor essa conquista tem um lado sombrio, a “geração do eu”, o indivíduo ao centrar-se em si mesmo, perdeu seus horizontes de sentido, em um processo que Taylor denomina de “desencantamento do mundo”.

Os antigos ideais morais são desacreditados e substituídos por uma espécie de relativismo leve, em que o único bem racionalmente defensável é o próprio direito de escolha. Essa perda da dimensão heroica da vida e de seus significados direciona o homem aos “prazeres pequenos e vulgares” da era moderna, através da sobrevalorização da razão instrumental e da apatia política que, por fim, resulta na perda da própria liberdade. Assim, Taylor propõe uma rearticulação teórica do que se entende por autenticidade, ou seja, o retorno ao ideal moral do individualismo. O indivíduo será autêntico todas as vezes que, para se autorrealizar, considerar não só os seus interesses próprios, mas também suas relações com outros significantes, através da ampliação de horizontes de sentido. Portanto a partir desta obra apresentaremos uma releitura da teoria Aristotélica.

## CAPÍTULO I

### A EXCELÊNCIA MORAL EM ARISTÓTELES

#### 1.1 - Excelência

Constantemente o homem tem procurado a excelência em seu dia-dia. Ele busca ser virtuoso no particular, no social, no empresarial e principalmente na política. A excelência fala do excelente como aquilo que está num grau mais alto, ou seja, o indivíduo virtuoso, está numa posição acima de tudo, suas expectativas, surpreende e cria novas possibilidades na área de sua vivência. A excelência é uma incessante busca de mudança em que o sujeito possa ser capaz de entregar-se no hoje, algo melhor que ontem. É não aceitar o “vai assim mesmo” ou um “pelo menos...” porque deve acreditar que seja possível fazer algo maior e melhor. Porém, é necessário ter uma compreensão do significado dessa palavra. Não basta usa-la diariamente, como um bordão, é preciso conhecer sua origem, sua concepção e seu significado, pois é uma palavra muito usada em nossa contemporaneidade. Então, eis a pergunta: o que é excelência? Qual seu significado? E qual é o seu fim?

##### 1.1.1 - Excelência Moral é igual à Virtude

Excelência é uma palavra de origem grega que expressa, adequação perfeita, excelência, virtude (*Aretê* ou *areté* do grego *ἀρετή aretê, ês*), ligado especialmente à noção de "virtude moral", de cumprimento de propósitos de função a que o indivíduo se destina. No sentido grego, a virtude coincide com a realização da própria essência, e, portanto, a noção se estende a todos os seres vivos. Segundo Sócrates, a virtude é fazer aquilo a que cada indivíduo se destina. Aquilo que no plano objetivo é a realização da própria essência, no plano subjetivo coincide com a própria felicidade.

Na Grécia Antiga, *aretê* significava a coragem e a força para enfrentar todas as adversidades, e era uma virtude aspirada por todos os homens. A raiz da palavra é a mesma de *aristos*, que originou aristocracia, que significa habilidade ou superioridade, e era constantemente usada para denotar nobreza. Em torno do século IV a.C., *aretê* passou a incorporar outros atributos, como *dikaiosyne* (justiça), e *sophrosyne* (moderação e autocontrole). Platão incorporou esses novos significados estabelecendo uma nova definição para *aretê*. Aristóteles ampliou e aprimorou os ensinamentos de Platão elaborando sua teoria ética a partir das estruturas morais vigentes na comunidade grega do século V a.C. De um modo

geral, pode-se dizer que a sua teoria apresenta o procedimento do homem prudente como um valor, cuja opinião dos homens mais velhos, a experiência de vida e os costumes da cidade são condições objetivas para se filosofar politicamente. Diferentemente de Platão e outros filósofos, Aristóteles humanizou o fim último, ou seja, o fim último foi afirmado no plano terreno.

### 1.1.2 - O Fim Último da Virtude Moral é a Felicidade

Vimos que excelência ou virtude coincide com a realização da própria essência e com a própria felicidade. Mas o que é felicidade? São muitas as concepções sobre felicidade, que podem significar estar bem consigo mesmo e está em paz exterior ou interiormente. Para Aristóteles felicidade ou *eudaimonía* (do grego), se caracteriza como sendo o bem final, pois toda ação humana visa a realização desse bem que é tido como autossuficiente e perfeito.

“[...] Auto-suficiente pode ser definido como aquilo que, em si, torna a vida desejável por não ser carente de coisa alguma, isto em nossa opinião é a felicidade; ademais, julgamos a mais desejável de todas as coisas não uma coisa considerada boa em correlação com outras – se fosse assim ela se tornaria obviamente mais desejável mediante a adição até do menor dos bens, pois esta adição resultaria em um bem total maior, e em termos de bens o maior é sempre mais desejável. Logo, a felicidade é algo final e auto-suficiente, e é o fim a que visam as ações”. (ARISTÓTELES, 1996, p.126)

Esse bem é caracterizado por consistir em um *érgon* que é próprio ao homem. Este *érgon*, cuja característica é ser humano, segundo Aristóteles, consiste na prática (*praktiké*) do elemento racional (*tò lógon*), que carecendo da *eudaimonía* necessita ser exercitado para consegui-lo. Aristóteles insiste que o conhecimento se refere à realização da *eudaimonía*, que é de caráter prático, pois é um conhecimento que visa por meio da ação humana no conseguimento da *eudaimonía*. A realização desta é descrita como uma atividade da alma em conformidade com a excelência (*arete*). Assim, é necessário que se tenha conhecimento sobre o que são a alma e a excelência, para que se possa determinar em que consiste a vida plena e assim compreender as condições de sua realização. Pois segundo o filósofo, felicidade é certa atividade da alma segundo a perfeição da virtude. Deve-se investigar a virtude, pois teremos também uma melhor visão da felicidade.

“É evidente que a excelência a examinar é a excelência humana, pois o bem e a felicidade que estamos procurando são o bem humano e a felicidade humana. A excelência humana significa, dizemos nós, a excelência não do corpo, mas da alma, e também dizemos que a felicidade é uma atividade da alma”. (ARISTÓTELES, 1996, P.135)

### 1.1.3 - Felicidade é uma Excelência da Alma

A *eudaimonía*, para Aristóteles, consiste em uma excelência da alma (*arete psykhes*), pois o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude. Se há mais de uma virtude, qual seria a melhor e a mais completa? E mesmo existindo outras virtudes, o bem permanecerá sempre unido ao que é melhor e o mais perfeito. Para Aristóteles a reflexão sobre a felicidade ou *eudaimonía* consiste em entender as excelências e suas modalidades. Isso se faz necessário para que possamos esclarecer a *eudaimonía*, porque esta consiste numa atividade da alma. Assim, é necessário fazer uma classificação das excelências e das partes da alma.

Aristóteles não abandona os desejos e as paixões na realização da vida plena. A realização da *eudaimonía* depende das relações estabelecidas entre as excelências dessas faculdades. A ação, segundo Aristóteles, tem como causa eficiente a escolha, e sua argumentação sobre a excelência afirma que esta é uma disposição relacionada com a escolha. A escolha, portanto, é tida como um desejo raciocinativo, ou ainda, um raciocínio desiderativo (*ET.VI 2 p.217*). A escolha é um misto que envolve raciocínio e desejo.

O estagirita tomou uma posição diferente dos outros pensadores gregos (por exemplo, Sócrates e Platão) com relação ao que chamamos excelência (*arete*), pois ela não está relacionada somente com a faculdade racional, o que nesse caso nos levaria a compreender que ela consistiria apenas num conhecer, mas, a excelência também está relacionada aos desejos e paixões. Com isso, Aristóteles afirma que a *eudaimonía* deve ser resultado das atividades/exercícios racionais, não podendo ser somente fruto do conhecimento, mas da somatização da prática (*bios praktikós*) das virtudes morais.

## 1.2 - Excelência Moral como algo a ser alcançado por meio da prática

O homem é convidado a ser o melhor naquilo que ele puder realizar, para assim chegar à plenitude da felicidade. e neste mundo quem não deseja se realizar, na vida, no trabalho e etc. há alguém que não almeje isso? Porém, surge a pergunta: como alcançar a felicidade se não se sabe exatamente o caminho para se chegar ela? Múltiplas normas filosóficas se ocuparam deste tema e ofereceram as mais variadas respostas, muitas vezes opostas entre si. Para uns, a felicidade estaria no uso ilimitado dos prazeres; para outros, na negação completa destes mesmos prazeres. Para uns, a felicidade de uma pessoa é inseparável da felicidade dos demais; para outros, a felicidade individual pode justificar até mesmo que se passe o outro para trás. Em

comum entre todas essas noções, está a constatação de que a felicidade e a realização passam pela atitude do comportamento humano.

### 1.2.1 - A Busca do Ser Virtuoso

A excelência é a busca do melhor e do mais perfeito. Acreditava-se em uma ciência da investigação do ser humano no qual ele está chamado a ser, no que discerne sobre a realização integral plena do homem. Não era uma questão normativa de cumprir regras ou da indagação do “posso ou não fazer?” Na verdade, compreendia o ser ético como uma resposta da investigação, “o que devo ser?” Essa resposta é tão simples e profunda ao mesmo tempo. Ou seja, o sujeito é convocado a ser o melhor que ele puder ser, e não pode se contentar com menos do que com a excelência. Portanto, falar de excelência é discorrer sobre um tratado das diferentes virtudes, das quais se adquirem as qualidades e se tecem no decorrer da vida. Assim, a excelência se refere a uma prática de vida ética-moral, que está interligada na experiência cotidiana e que para nós, pode ser visto como a conclusão da educação humana. Para Vaz,

“A obra humana por excelência (*tó érgon toû anthrópou*) é sem dúvida, a realização plena da própria vida, orientada pela razão prática. Esta é, por conseguinte, como antes afirmamos, o primeiro invariante ontológico do indivíduo como ser ético. Como tal é considerado inicialmente em sua universalidade que é dita subjetiva enquanto predicado do sujeito ético. Universal no nível de seus princípios, a razão prática deverá particularizar-se em seu exercício e singularizar-se como consciência moral”. (VAZ, 2000, p.33)

Toda via, estas questões trazem de volta o assunto sobre a realização e felicidade, podendo assim dizer que, para Aristóteles, consiste em ser aquilo para o qual o homem foi chamado, “*torna-te aquilo que és*” do poeta Píndaro, em outras palavras, o homem tem o dever de torna-se excelente. Isto é, justamente a excelência na virtude. O homem completo é, sobretudo, o homem virtuoso, mesmo quando suas habilidades intelectuais ou sua formação cultural não sejam as melhores ou mais completas.

### 1.2.2 - Fazer o Bem

As virtudes são inúmeras, ainda mais variadas são os caminhos para se alcançar a excelência. Cada pessoa, com suas aptidões, tem à sua maneira particular de atingir este ideal de excelência. E a união de todos esses caminhos, é a certeza de que na vivência das virtudes em alto nível (a *eupraxia*, ou o agir bem) está o caminho para a felicidade. Recuperar essa ética-

moral de excelência é dar um passo importantíssimo para a construção de uma sociedade preocupada com o bem comum.

Para Aristóteles excelência, é a capacidade, de se fazer o bem. Quanto mais o homem se aperfeiçoar em praticar uma determinada atividade, melhor ele se torna. O filósofo faz uma divisão das virtudes ou excelências, classificando-as como virtudes intelectuais (*arētai dianoētikai*) e virtudes morais (*arētai ēthikai*). O filósofo afirma que a excelência moral é produto do hábito e é constituída por natureza. Assim, a atividade sedimentada no costume determina a direção da potência racional a ser atualizada, como é o caso das excelências ou deficiências morais.

“[...] Quanto a excelência moral, ela é o produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra hábito. É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. [...] portanto, nem por natureza nem contrariamente à natureza a excelência moral é engendrada em nós, mas a natureza nos dá a capacidade de recebe-la, e esta capacidade se aperfeiçoa com o hábito”. (ARISTÓTELES, 1996, p.137)

### 1.2.3 - As Virtudes não são Inatas, Mas Adquiridas

Nenhuma das virtudes morais surge nos homens por natureza, pois o que é por natureza não pode ser alterado pelo hábito. Isto é, a natureza nos oferece a capacidade ou aptidão para recebê-las (as virtudes), e essa tal capacidade se aperfeiçoa com o hábito. Virtudes e artes são adquiridas pelo exercício dos bons hábitos, ou seja, na prática das virtudes, e são um pré-requisito para que se possam adquiri-las. Sem a prática, não há a possibilidade de o homem ser bom e virtuoso. Tornamo-nos justos ao praticarmos atos justos, e todas as virtudes são geradas pelas mesmas causas e pelos mesmos meios.

As virtudes morais são vistas como produto do hábito. Daí, a importância da educação, pois ela qualifica a ação, da qual resulta um hábito específico. A virtude ética deriva do *ethos* (costume). O *ethos* é, na realidade, *héxis*, hábito, pois ele é o resultado das atividades, ações frequentemente repetidas. O padre Lima Vaz em sua ética filosófica apresenta essa ética enquanto ciência do *ethos*. Ciência esta, que fala acerca da particularidade da ação humana (*práxis*); pois o ser humano possui em si a liberdade de agir e regula suas ações expressando-as na estabilidade do hábito. Nesse contexto, a ação humana é mediadora do *ethos* como morada, construída pelo próprio homem, que se eleva sobre a *physis* para se autodeterminar fonte das ações apresentadas como éticas, inscritas numa realidade histórico-social, ou seja, em

um costume. No entanto, pode ser destruída pela deficiência ou pelo excesso, mas preservada pelo meio termo.

Neste sentido, a virtude ética é derivada do *ethos*. Aristóteles afirma que nunca existirá virtude quando há excesso ou falta. A excelência moral é uma disposição da alma que está relacionada com a escolha das ações e emoções. Trata-se, portanto, de um estado intermediário, porque, nas várias formas de deficiência moral, Aristóteles assegura que há falta ou excesso do que é oportuno, tanto nas emoções, quanto nas ações. Por isso, o homem precisa buscar incansavelmente a virtude, equilibrando suas ações e emoções. Isso possibilitará um reconhecimento da felicidade como o bem maior existente. Aristóteles afirma que a excelência moral se relaciona com prazeres e dores, pois ela diz respeito a ações e paixões e, segundo ele, cada ação e cada paixão é acompanhada de prazer ou de dor.

“[...] Com efeito, a excelência moral se relaciona com o prazer e o sofrimento; é por causa do prazer que praticamos más ações nobilitantes. Daí a importância, assinalada por Platão de termos sido habituados adequadamente, desde a infância, a gostar e desgostar das coisas certas; esta é a verdadeira educação”. (ARISTÓTELES, 1996, p. 140)

#### **1.2.4 - A Busca do Meio-Termo**

A excelência moral tende a fazer o melhor, evitando as coisas aos extremos, que são o excesso e a falta. A excelência moral consiste numa mediania entre os extremos que são a falta e o excesso e esta mediania será estabelecida segundo a justa regra. Devemos observar no exercício do agir virtuoso se ele está submetido a uma mediania que evite o excesso e a deficiência. Em outras palavras, a excelência moral consiste numa mediania entre dois vícios (excesso e deficiência), pois ela visa a uma justa medida em relação aos desejos, paixões e às ações virtuosas.

O estabelecimento dessa mediania é feito de acordo com a justa regra observando a referência de ser ela uma mediania referente a nós e, portanto, sempre se ater às circunstâncias em que o agente se encontra. Por isso, o meio-termo é aquele ponto que se encontra em igual distância entre dois pontos extremos, isto é, entre o excesso e o escasso. Mas quando se trata do homem, o meio-termo é aquilo que não peca nem por excesso e nem por defeito, e, esta medida muda muito e não é única para todos os homens. Das diversas escolhas possíveis, ela é que mais se adequa, porque tende a ser o equilíbrio entre o excesso e a falta. Desafio enfrentado diante de cada ação ou emoção, por isso que a concepção da excelência moral é uma busca constante dependente da capacidade racional, pois exige a todo o momento uma reflexão e uma

escolha. Não é algo pronto e dado, mas é algo escolhido e que precisa ser entendido para que seja atingido.

Segundo Aristóteles, a procura do bem, é a diferença entre o agir racional humano com a do agir bestial dos animais, portanto, não agir de forma racional e não buscar o bem nos igualaria aos animais. O bem não é definido em si mesmo, se constituindo a partir da adequada junção de “bens” ou virtudes humanas, quais sejam, por exemplo, a amizade, a prudência, a temperança, a generosidade, a paciência, a caridade, a humildade e a honra, entre outros. Essa junção se dá pela deliberação do indivíduo de acordo com o caso concreto, a partir de uma educação adequada e na prática de ações racionais compatíveis com essa educação. Para ele, o racionalismo deve controlar e ordenar a paixão e a repetição do agir pelo bem, o que nos capacitaria à prática de atos justos.

A visão Aristotélica afirma que para ser “do bem”, devemos ser úteis à comunidade na qual estamos inseridos, e, com nossa utilidade, encontraremos a *eudaimonía*, ou seja, seremos felizes. Nessa visão, a felicidade não é compreendida como um estado, mas como um processo em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento. Considerando a falha humana, em alguns momentos ou estágios, poderá o homem não agir de forma a alcançar o bem, talvez o atinge apenas parcialmente. Daí discorre com grande sabedoria o filósofo ao caracterizar o virtuoso como aquele que vive pelo meio-termo entre o excesso e a falta, sendo-o moderado. Virtuoso, portanto, não é o que nunca errou, mas o que busca acertar, acertando em muitas vezes.

Contudo, o que deve ser observado aqui é que as excelências morais, diante da possibilidade de serem tomadas como naturais, só se constituem em nós pelo hábito, na medida em que temos naturalmente a capacidade de ser virtuosos e de aperfeiçoar essa capacidade natural pelo exercício habitual. Elas não existem em si, independentes do homem e, também, não são qualidades inatas, embora possamos falar de uma capacidade recipiente em potência e de diferentes modos de sermos virtuosos, isto é, como virtude moral natural ou virtude moral própria ou em sentido estrito. É o que afirma Aristóteles no fim do Livro VI:

De fato, até as crianças e os animais selvagens possuem as disposições naturais, mas sem a razão elas podem evidentemente ser nocivas. [...] Mas se uma pessoa de boa disposição natural dispõe de inteligência passa a ter excelência em termos de conduta, e a disposição que antes tinha apenas a aparência de excelência moral passa a ser excelência moral em sentido estrito. Portanto, da mesma forma que na parte de nossa alma que forma opiniões há dois tipos de qualidades, que são o talento e o discernimento, na parte moral também há dois tipos, que são a excelência moral natural e a excelência moral em sentido estrito, e esta última pressupõe discernimento. (ARISTÓTELES, 1996, p.229-230).

Ou seja, a virtude moral derivada do simples hábito e a virtude moral adquirida por hábito é guiada pela razão. A distinção entre esses dois modos de ser virtuoso é, na prática, do modo de um indivíduo agir moralmente e justamente conforme o hábito ou costume de fazer aquilo que deve ser feito, o que é bom e justo; enquanto um outro indivíduo age, também, justo e moralmente, porém com a efetiva participação da virtude intelectual prática. Recordando que é a sabedoria prática (*phrónesis*) que delibera, e calcula a partir da razão, de argumentos e de princípios práticos. Nesse caso, há uma consciência plena ou um saber no escolher deliberado sobre aquilo que se está fazendo, garantido pelo caráter moldado para o bem que só visa ao melhor dos bens.

### 1.3 - Definição: Virtudes Intelectuais e Virtudes Morais

Para se ter uma melhor compreensão sobre a felicidade, Aristóteles argumenta que esta é uma atividade da alma conforme a virtude, pois quando se fala do caráter do homem não se diz que nele há sabedoria ou que possui discernimento, mas, que é calmo, amável ou temperante. Porém, elogiamos um homem sábio, quanto à sua disposição de espírito, e às suas disposições de espírito louváveis chamamo-los, de virtuoso. (*ET. I*, 13 p136). Então, para fazer uma definição de virtude o filósofo faz uma separação, dividindo-a em duas espécies, a virtude intelectual e a virtude moral.

“Há duas espécies de excelência: a intelectual e a moral. Em grande parte, a excelência Intelectual deve tanto ao seu nascimento quanto o seu crescimento à instrução (por isto ela requer experiência e tempo); quanto a excelência moral, ela é o produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra hábito. É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito”. (ARISTÓTELES, 1996, p.137).

Há uma medida para todas as ações humanas, que é o justo-meio. A felicidade sendo definida como atividade da alma, é dirigida pela virtude perfeita. Pois é excelente e divina, mas não é presente dos deuses e nem produto do acaso, porque é preciso conquistá-la com muito exercício e muita prática da virtude. Para tanto, é necessário indagar sobre a virtude e em que condição ela é um meio-termo para a felicidade.

#### 1.3.1 - Virtudes Morais

As virtudes morais consistem em ser um meio entre dois extremos viciosos; em toda quantidade é possível distinguir o excesso, o pouco e o meio-termo. Quando se tratar de coisas,

o meio-termo é aquele ponto que se encontra em igual distância entre dois pontos extremos. Quando se trata do homem, o meio-termo é aquilo que não se peca nem por excesso nem por defeito, mas o meio-termo para o homem muda muito e não é único para todos, diferenciando do mundo as coisas.

No livro II da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles discute a definição de excelência, mais especificamente ele discute a excelência moral como uma ação prática envolvendo o comportamento das pessoas na sociedade, em outras palavras, para alcançar especificamente o bem comum. Antes, ele define em que consiste a ação excelente (agir virtuoso), e define algumas condições para sua posse. Aristóteles define a ação excelente quando o agente possui o conhecimento daquilo que se faz. O mesmo deve também escolher os atos e escolhê-los por ele mesmo. Sua ação deve proceder de um caráter firme e imutável, sendo essas as condições da ação excelente. há uma referência que expressa, de maneira exímia o intuito, o propósito, o objeto e o sujeito do estudo da ética:

“Estou falando da excelência moral, pois é esta que se relaciona com as emoções e ações, e nestas há excesso, falta e meio termo. Por exemplo, pode-se sentir medo, confiança, desejos, cólera, piedade, e, de um modo geral, prazer e sofrimento, demais ou muito pouco, e, em ambos os casos, isto não é bom: mas experimentar estes sentimentos no momento certo, em relação aos objetos certos e às pessoas certas, e de maneira certa, é o meio termo e o melhor, e isto é característico da excelência. Há também, da mesma forma, excesso, falta e meio termo em relação às ações”. (ARISTÓTELES, 1996, p.144).

Ora, a excelência moral se relaciona com as emoções e as ações, na qual o excesso é uma configuração do erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio termo é louvado como um acerto. Ser louvado e estar certo são características da excelência moral. A excelência moral, para o filósofo é algo equidistante, pois, o seu alvo é o meio termo. Portanto, há possibilidade de erros dos mais variados modos, ao passo que é possível o acerto de uma só maneira. Assim, e por esta razão, é mais fácil atingir o erro que o acerto, ou seja, é mais fácil errar o alvo e mais difícil ainda acertar o meio-termo.

O excesso e a falta são atributos da deficiência moral, Enquanto que o meio-termo é o ápice da excelência moral: “*a bondade é uma só, mas a maldade é múltipla*” (ET. II 6 p.144). Uma forma de entender o que é o meio-termo e ter noção do que é suficiente para atingir a felicidade, pressupõe uma aspiração positiva para sua vida, pois o que é pouco para um, pode ser o suficiente para outro, e para um terceiro, isso depende de cada um e de seu ponto de vista individual.

Toda via, sabe-se que para ser virtuoso deve-se buscar o meio termo, mas sabendo disso percebe-se que não é tão simples como parece. Podemos fazer a seguinte pergunta: O que

preciso fazer para ser virtuoso? A resposta para esta pergunta está nas escolhas de nossas ações e emoções, equilibrando o excesso, e a falta para atingir o meio termo.

E para isso precisa-se refletir, pensar e analisar para fazer a escolha de forma acertada. Além disso, Aristóteles ressalta que o meio-termo é relativo a nós, ou seja, o que é bom para mim pode não ser para o meu semelhante. É bom destacar que a ética aristotélica não se apresenta de forma alguma como algo imperativo, ou seja, faça isto e não faça aquilo. Mas joga a opção a cada um de nós para que façamos as escolhas e sejamos assim sujeitos de nossos próprios atos e escolhas. Sendo assim, não há uma verdade pré-estabelecida e que nos cabe apenas segui-la, sem reflexão e questionamento.

“A excelência moral, então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consiste num meio-termo (o meio-termo relativo a nós) determinado pela razão (a razão graças à qual um homem dotado de discernimento o determinaria). Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou o excesso do que é conveniente tanto nas emoções quando nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo”. (ARISTÓTELES, 1996, p.144-145)

De tal modo, deparamo-nos com a necessidade de, em cada ação, fazer uma escolha tendo o desafio de fazer escolhas certa. Portanto, exige de nós uma atitude ativa e não simplesmente passiva diante da vida, das coisas e escolhas que nos cercam. Diante da exigência de fazer escolhas e poder errar, é o que acaba por inibir as pessoas de fazerem escolhas virtuosas. Precisamos refletir e desenvolver nossa capacidade de análise da realidade, pois isso depende exclusivamente de nós. E como o mundo que nos cerca é também o mundo das relações humanas, saber escolher é um desafio constante e que diante das escolhas que fizemos não há retrocesso. Para o pensamento aristotélico, tudo isso está diretamente relacionado com o fato de eu viver na pólis, ou seja, viver em sociedade.

### **1.3.2 - Sua Finalidade: o Fim Último das Ações Virtuosas é a Felicidade**

Aristóteles em sua obra identifica a felicidade ou *Eudaimonia* como fim último, o Bem Supremo almejado pelo ser humano e, por isso, suas ações devem ser dirigidas a este fim. Para alcançar a felicidade, a pessoa precisa pautar seu proceder na prática de ações virtuosas. Essas ações são definidas por meio do exercício do pensamento, de forma que justiça e razão sejam relacionadas intimamente. Ou seja, o ser humano, difere dos outros animais pela capacidade de pensar, consegue examinar suas ações e determinar o que é justo e, assim, torna-se feliz.

O método científico de Aristóteles, estabelece uma espécie de classificação dos bens, e uma hierarquia na sua realização, tomando como critério o fim visado. Já que há mais de uma finalidade: o fim da medicina é a saúde, da estratégia, a vitória, e assim por diante. Devemos

proceder por meio do bem que é desejável em relação as outras coisas, para conseguir o bem maior que sempre é desejável em si.

A *Eudaimonia*, é tida como bem supremo, porque a escolhemos sempre por si mesma, e nunca por causa de algo mais. Mas as honrarias, o prazer, a inteligência e todas as outras formas de excelência, embora as escolhamos por si mesmas (escolhê-las-íamos ainda que nada resultasse delas), escolhemo-las por causa da felicidade, pensando que através delas seremos felizes. Ao contrário, ninguém escolhe a felicidade por causa das várias formas de excelência, nem, de um modo geral, por qualquer coisa além dela mesma.

Contudo, a felicidade não como uma forma abstrata, ideal, mas sim como uma forma de viver bem e conduzir-se ao bem. Porém, ainda que assim o seja, parece que a forma de vida tem profundas implicações na compreensão e realização do que seja viver bem e conduzir-se bem, em relação ao bem supremo. Ao mesmo tempo em que discute as características da felicidade, como algo que deve ser escolhida por si mesma, o filósofo, questiona a vida prática dos homens, especialmente dos mais vulgares, que parecem identificar o bem, ou a felicidade, com o prazer”.

Identifica-se três tipos principais de vida: **A vida agradável**, cujos representantes visam sobretudo aproveitar a vida, assemelhando-se totalmente aos escravos e preferindo uma vida comparável à dos animais; **A vida política**, cujo exame dos tipos principais demonstra que as pessoas mais qualificadas e atuantes identificam a felicidade com as honrarias, com vistas ao reconhecimento de seus méritos; **A vida contemplativa**, que visa unicamente a verdade e a perfeição, ou o Bem Supremo por si mesmo. Desta realidade se dá comportamento prático-moral, visando, não estabelecer normas, mas indicar o caminho da escolha correta, em relação ao bem supremo.

### 1.3.3 - *Eudamonia* vincula-se ao conceito de Justiça

O conceito de *eudemonia* vincula-se ao conceito de justiça apresentado por Platão na República, que também compreende a noção de justiça como uma virtude que precisa ser praticada constantemente. Assim, estando a felicidade vinculada na prática constante de uma ação justa, o que significa ser justo, ou melhor, o que é a justiça? Pode-se considerar Justiça como uma busca de igualdade entre todos ou pode ser um conceito abstrato, que se refere a um estado ideal de intercâmbio social, em que há um equilíbrio razoável e imparcial entre todos cidadãos.

Em uma outra definição de justiça, o filósofo norte-americano Michael Sandel elucida também uma noção de justiça baseada na equidade, manifestada no pensamento de um outro filósofo, John Rawls. E segundo Rawls, podemos compreender o que é a justiça através de uma situação puramente hipotética, nas quais pessoas racionais e com interesses próprios celebrariam um contrato social em posições de equidade. O resultado disso, em termos ideais, seria a escolha de dois princípios base de justiça, sendo o primeiro relacionado às liberdades básicas de expressão e o segundo relativo à equidade social e econômica. Para Sandel a teoria de Rawls, da prioridade do que é certo sobre o que é bom, reflete a convicção da pessoa moral como um sujeito com objetivos e escolhas próprias. E que sendo sujeitos morais, não podem ser definidos por seus objetivos, mas sim, por sua capacidade de escolha.

“Pessoa moral é um sujeito com objetivos que ele próprio escolheu. Como agentes morais, não somos definidos por nossos objetivos, mas por nossa capacidade de escolha. Não são os objetivos que revelam, em princípio, nossa natureza, mas a estrutura dos direitos que escolheríamos se pudéssemos abstrair nossos objetivos. Pois o eu, a pessoa, antecede os objetivos que declara; até mesmo um objetivo dominante deve ser escolhido entre diversas possibilidades (...) devemos, portanto, inverter a relação de proposta pelas doutrinas teleológicas entre o que é correto e o que é bom e considerar o que é correto prioritário”. (SANDEL, 2020, p. 270)

Michael Sandel sugere ser equivocada a concepção de liberdade e de justiça, ele analisa dois modos de conceber justiça. Onde para Kant e Rawls, o certo tem primazia sobre o bom. Direitos e deveres são definidos pelos princípios de justiça, que devem ser neutros referente às diversas concepções de vida boa. Kant argumenta a abstração dos interesses e objetivos contingentes. Rawls sustenta que, para deliberar sobre justiça, devemos prescindir de objetivos, apegos e concepções particulares definidoras do que seja bom.

Devemos conceber a justiça, enxergando por meio de um véu de ignorância, desconhecendo a quem as decisões afetam. Para Michael, esta concepção se identifica com o pensamento de Aristóteles: pois, ele descrê que princípios de justiça sejam neutros no que concerne à vida boa. Ao invés disso, ele “sustenta que um dos propósitos de uma Constituição justa é formar bons cidadãos e formar bom caráter. Ele não acha que se possa deliberar sobre justiça sem deliberar sobre o significado dos bens proporcionados pela sociedade” (*Justiça*, p. 295).

Para Aristóteles, a justiça é a virtude em sua excelência por compreender todas as demais virtudes. Para ele, não é algo transcendente, mas uma virtude, portanto, adquirida pelo exercício do hábito. A justiça é a virtude que deve reger as relações entre os homens no interior da cidade, como também deve ordenar as relações destes homens com a cidade. Observa-se que a prática da virtude não se confunde com um mero saber técnico, não basta a conformidade,

exige-se a consciência do ato virtuoso. O homem considerado justo deve agir por força de sua vontade racional.

#### **1.3.4 - Justiça Universal e Particular**

Aristóteles distingue duas classes de justiça: a universal e a particular. A justiça universal significa a justiça em sentido amplo que pode ser definida como conformidade ao nomos (norma jurídica, costume, convenção social, tradição). Esta norma constituinte do nomos é dirigida a todos. A ação deve corresponder a um tipo de justo que é o justo legal. O membro da pólis se relaciona com todos os demais, ainda que virtualmente, e compartilha com todos os efeitos de sua atitude ou omissão. A justiça universal ressalta a importância da legalidade como um dos aspectos que fundamenta a coesão social. A comunidade existe virtualmente na pessoa de cada membro. O homem virtuoso é aquele em que, segundo seu agir, o elemento essencial passa pela observância do princípio *neminem laedere* (não prejudique a ninguém).

A justiça particular significa em sentido estrito o hábito de realizar a igualdade. Este tipo de justiça refere-se ao outro no sentido de uma relação direta entre partes, típica da experiência cidadina. Esse tipo de justiça vincula-se com a justiça universal, pois o transgressor da justiça particular se compromete também diante do nomos. O justo particular apresenta-se em duas formas distintas: o justo particular distributivo que assinala a justiça distributiva e o justo particular corretivo que apresenta a justiça corretiva.

A ideia de justiça distributiva surge no sentido de igualdade na devida proporção. Essa modalidade de justiça regula as ações da sociedade política com seus membros e tem por objeto a justa distribuição dos bens públicos: honras, riquezas, encargos sociais e obrigações. Essa prática também se fundamenta na igualdade que não se confunde com uma igualdade matemática e rígida, mas geométrica ou proporcional que observa o dever de dar a cada um o que lhe é devido; observa os dotes naturais do cidadão, sua dignidade, o nível de suas funções, sua formação e posição na hierarquia organizacional da polis. O princípio de igualdade que figura neste tipo de justiça exige uma desigualdade de tratamento, pois sendo diferentes segundo o mérito, os benefícios a serem atribuídos também devem ser diferentes.

Contudo, ainda que esses tipos de ações tenham a ver com a justiça, não se trata de aplicar aos casos um mesmo critério, mas de aplicar a cada tipo de situação o critério de justiça adequado. Assim, Aristóteles estabelece categorias voltadas para pensar a diversidade dos padrões de justiça, sendo que esses conceitos são utilizados até os dias de hoje com o objetivo

de refletir sobre as questões éticas contemporâneas. A ideia de justiça distributiva, por exemplo, ganhou especial relevo na sociedade contemporânea quando a implantação dos estados sociais gerou a necessidade de estabelecer critérios para a distribuição dos benefícios estatais.

### **- Conclusão**

Como vimos, o conceito de justiça se encontra no topo hierárquico das virtudes morais, porque nela se conclui todas as outras virtudes. Portanto, a justiça tem a tarefa de equilíbrio e de equidade no plano coletivo da comunidade social, que culmina na identificação com a ética-moral. E que unida a amizade recomenda uma importante função de convivência, e, portanto, na prática das virtudes morais na polis.

A prática de todas as virtudes morais tem como objetivo o mesmo fim, que deve contar, também, com os favores da fortuna, isto é, estar “suficientemente racionado com os bens exteriores” (*ET. I 10 p.131*), mas não tornar a busca da riqueza e a vida de rico como o fim último do homem. Assim diz o filósofo: “O homem feliz, portanto, deverá possuir o atributo em questão permanência e será feliz por toda a sua vida, pois ele estará sempre, ou pelo menos frequentemente, engajado na prática ou na contemplação do que é conforme a excelência.” (*ET. I 10 p.132*)

O estudo da ética-moral Aristotélica centra-se na razão prática como responsável pela realização da configuração plena do ser humano, pois, é por meio das frequentes práticas virtuosas, que se consistem em um meio-termo entre dois extremos, e que se atinge a felicidade (*eudaimonía*), o fim último buscado pelas ações humanas, isto é, de todos os bens o maior, cuja finalidade encontra-se em si mesma.

A felicidade, por se tratar de conceito humano, está no plenamente possível, sendo que se é atingida por meio da escolha consciente das virtudes, como oposição entre seus extremos. A justiça se localiza na seara das virtudes, porém, em posição de destaque visto que é a virtude que se manifesta ao lidar com o outro, e não consigo mesmo (onde Aristóteles afirma não ser possível alguém cometer injustiça contra si mesmo). É o bem do outro, e também é o meio-termo entre dois extremos: o do excesso e o da falta. Sendo assim, justiça é aquela disposição da alma que dar a cada um o que é seu, na medida de seus méritos.

A finalidade de todas as ações praticadas pelos homens está endereçada a um fim último, que é nobre, pleno e absoluto em si mesmo. O objetivo do homem é atingir esse fim para gozar

do estado mais elevado e belo que a vida pode lhe oferecer. O Sumo Bem é a fonte que impulsiona o ser humano para as nobres ações, sempre desejando o que é excelente e virtuoso. Desse modo, Aristóteles percebe a necessária investigação sobre o bem referente a cada coisa, ou seja, investigar o bem, de maneira particular, no que diz respeito a cada atividade ou ação realizada pelo homem. Todo bem particular é insuficiente, isto é, não é nobre por si mesmo, e só pode ser entendido e realizado enquanto bem, se colocado como caminho que o eleva a uma integração no Bem maior, que é absoluto. Assim diz ele:

[...] se há somente um bem final, este será o que estamos procurando, e se há mais de um, o mais final dos bens será o que estamos procurando. Chamamos aquilo que é mais digno de ser perseguido em si mais final que aquilo que é digno de ser perseguido por causa de outra coisa, e aquilo que nunca é desejável por causa de outra coisa chamamos de mais final que as coisas desejáveis tanto em si quanto por causa de outra coisa, e, portanto, chamamos absolutamente final aquilo que é sempre desejável em si, e nunca por causa de algo mais [...]. (ARISTÓTELES, 1996, p.125)

A felicidade está no centro da ética de Aristóteles, pois o ser antiético não é um ser feliz em sua totalidade, isso porque lhe falta algo para completá-lo. Se percebermos a ética prática de Aristóteles vai adquirindo uma conotação transcendental, visto que os fins particulares não são autossuficientes e necessitam de um referencial absoluto, no qual para onde todos esses fins particulares se direcionam. Para Aristóteles, a ética é uma tensão, um confronto entre dois estados do homem, o lado instintivo e o racional. Do lado instintivo, dominam os desejos que precisam ser controlados e canalizados pela razão, buscando-se, assim, uma integração total de todas as potencialidades existentes.

Portanto, Aristóteles conclui que existe uma finalidade em tudo o que fazemos, e tal finalidade será um bem atingível, caso contrário, não seria um bem. Essa finalidade à qual as coisas tendem são atingíveis através da ação. Por isso, Aristóteles fala da importância de o ser humano agir sempre de maneira virtuosa. O homem feliz é aquele que sabe agir de maneira sábia, sempre visando ao que está além da simples ação, ou seja, ao resultado final da ação, que é a felicidade.

## CAPÍTULO 2

### A ÉTICA DA AUTENTICIDADE

#### 2.1 - Ética

Fala-se tanto em ética e moral, porque os problemas morais assumem dimensões assustadoras na sociedade contemporânea? Isso não significa que em outros tempos esse tema não tenha sido relevante. Os textos dos mais destacados e influentes pensadores, filósofos, historiadores, políticos e literatos de todas as épocas nos forneceram um vasto material que comprovam a constante preocupação com a ética e a moral. Porém, ao contrário do passado, o tempo atual vive grandes e aceleradas transformações que afetam não só o exterior, mas também os fundamentos do ser e do pensar, as formas de julgar e decidir, as normas e os valores.

“Um enorme fluxo de livros e artigos espraia-se hoje por todos os domínios da reflexão ética, desde a metaética e a ética fundamental até a ética aplicada aos mais variados ramos da atividade humana. As razões que podem explicar esse extraordinário interesse pelos temas éticos são muitas e complexas tudo leva a crer, no entanto, que estamos aqui em face de uma das mais inequívocas e significativas reações a uma crise espiritual sem precedentes, que atinge a civilização ocidental prestes a cumprir o terceiro milênio de sua história”. (VAZ, 1999, p.7)

A Ética, relaciona-se com a natureza humana, mais precisamente com o comportamento dos indivíduos. Contudo, o tema ético é ajustado pelos diferentes tempos e lugares de acordo com a extensão cultural de cada povo. Ao escutarmos a palavra ética, nós encontramos várias características ou palavras que se relacionam na sua expressão, na sua identidade e no seu significado. Ela é uma palavra que denota o “agir ético” do indivíduo, que procura uma sobrevivência em sociedade, segundo os valores, princípios, hábitos e costumes.

Em nossa contemporaneidade a ética é compreendida por princípios universais, que igualmente aplica-se com imparcialidade aos indivíduos e aos interesses dos mesmos. Todavia, a ética é o um conceito amplo, pois compreende uma relação do sujeito ou indivíduo com suas escolhas. Ela auxilia o homem na reflexão da pergunta: Como devo me comportar? Portanto, a ética é a atividade que normativa as ações do caráter humano em sociedade.

#### 2.1.1 – Ética como Morada do Homem

O filósofo contemporâneo Pe. Lima Vaz, afirma que a ética é a ciência do *ethos*, na qual está assinalado ação ética do ser humano, isto é, o “agir ético”. Logo, a ética seria uma

apresentação de uma configuração racional que expressa as normas e regula os fins do próprio agir humano. E, Portanto, a razão é prática ordenada pela ação e não pelo conhecimento, e sendo ciência do *ethos* é também ciência da razão prática.

“Com efeito, o que caracteriza o agir ético, objetivo da ética, é a presença de uma forma de razão na qual se exprimem as normas e os fins do próprio agir. A razão é, então, essencialmente prática, ou seja, ordenada à ação (práxis) e não simplesmente ao conhecimento. A ética, pois sendo ciência do *ethos*, é ciência da razão prática”. (VAZ, 2000, p.25)

De fato, a ética pode ter variações em seu significado. Porém, para confirmar racionalmente a etimologia da palavra ética, é necessário analisar a palavra grega *ethos* em seus dois vocábulos: com *eta* e com *épsilon* inicial. A primeira definição de *ethos* significa a “morada do homem”, que para os gregos, morada era a pólis (comunidade). Isto é, o espaço que é próprio do ser humano, nela se encontra seus hábitos, seus valores e suas normas. Já o segundo sentido vai dizer acerca do comportamento habitual do ser humano em oposição ao desejo impensado, cuja posse estável se expressa no hábito (*hexis*). Nesse contexto, a ação humana é mediadora do *ethos* como morada, construído pelo próprio homem, que se eleva sobre a *physis* para se autodeterminar e é fonte das ações apresentadas como éticas, inscritas numa realidade histórico-social, ou seja, em um costume. Assim, a ação ética é descrita por uma circularidade dialética em que a particularidade da ação do indivíduo empírico eleva-se à universalidade do *ethos* como costume e constitui a singularidade do sujeito ético, expressão do *ethos* como hábito ou virtude.

### 2.1.2 - A Transformação Ética do Indivíduo pela Educação

A constituição singular do sujeito ético como expressão do *ethos* segundo os hábitos e costumes, nos revelam uma transformação do sujeito pela educação. Contudo, para uma compreensão mais larga, faz necessário fazer uma relação dialética entre *ethos*, indivíduo e educação. Sabemos que o *ethos* se configura nos hábitos e nos costumes. Portanto, o *ethos* como costume é assegurado pelas tradições, e como como habito é assegurado no indivíduo através da educação.

“Do ponto de vista de sua efetiva realização social, o costume como tradição é universal abstrato que se particulariza continuamente nas infinitas situações através das quais transcorre a vida dos indivíduos, e que encontra sua singularidade efetiva na práxis concreta na qual determinado indivíduo realiza ou recusa os valores do costume recebidos pela educação”. (VAZ, 1999, p. 42)

Portanto, pode-se julgar que o objetivo da educação é assegurar uma profunda e importante transformação interna no indivíduo ético, na essência de sua consciência pessoal, dos seus interesses incidentais em interesses racionais. Assim sendo, a ética tende a empobrecer

e a se fragmentar na proporção exata em que ignora os fatores básicos, ou seja, o campo dos valores éticos não se limita na importância estratégica ou na relevância utilitária da soma de normas externas específicas. A ética será um todo estruturado, incluindo os princípios, valores e objetivos da existência humana. Será entendida, primeiro pela tradição e pelo indivíduo que a torna uma realidade, e depois pela educação ética. A educação ética aparecerá na forma de racionalidade filosófica, isto é, na forma de "discurso normativo racional e ordenado, existindo em o mundo da vida "Razões para Axiologia e Teleologia".

## **2.2 - A Identidade Ética como Autenticidade**

A complexidade da realidade que se configura, faz com que tenhamos uma certa prudência diante de qualquer reflexão de crítica, seja de exaltação ou até mesmo de condenação da cultura contemporânea. É diante desta complexidade, que é proposto o estudo do filósofo canadense, Charles Taylor, que busca fazer uma análise mais abrangente do que seja realmente este mundo contemporâneo. Nesse sentido, o autor apresenta os conceitos autênticos de reconhecimento como tentativa de responder à cultura da autenticidade. Pois a realidade contemporânea proporciona muitos aspectos positivos, e ao mesmo tempo alguns negativos (os males), que mais a frente discutiremos sobre eles. Porém, esses males são o desvio do que seria o verdadeiro ideal da autenticidade, pois quando há uma compreensão relacionada ao reconhecimento, é fornecida uma integração necessária à própria modernidade. Portanto, ao estudarmos a autenticidade e o reconhecimento por ela, nós qualificamos a importância e a necessidade de sempre buscar uma compreensão da realidade contemporânea.

“Na realidade, há tanto muito que se admirar quanto muito que se depreciar e se assustar em todos os desenvolvimentos que tenho descrito, mas entender a relação entre essas duas coisas é perceber que a questão não é quanto você terá de pagar, em matéria de consequências ruins, por frutos positivos, mas, antes, como direcionar tais desenvolvimentos para sua melhor promessa e evitar o deslize para as formas degradadas”. (TAYLOR, 2011, p. 20).

Autenticidade pode ser definida pela lealdade com a verdade. Isto é, um indivíduo autêntico age de acordo com a sua personalidade, seus valores e princípios, e principalmente pela visão de mundo. Ao longo da história humana social em nosso mundo, especialmente no ocidente, ser autêntico tem sido uma busca incansável do indivíduo. Porquanto a autenticidade nos fornece uma abertura para os novos horizontes no que se diz respeito as relações com próximo, ou seja, nos permite uma relação autêntica em sociedade. Desse modo a autenticidade

está intimamente ligada a identidade ética do ser humano, que por sua vez deve agir de maneira autêntica com fidelidade aos seus princípios éticos.

Em sua obra *a ética da autenticidade*, Charles Taylor, compreende a autenticidade como mera afirmação das individualidades que geram detrimento em vista do bem comum, pois implicaria na própria ideia de exclusão e seu defeito. Com isso, estaria numa fundamentação errônea do significado de autenticidade. Sendo assim, Taylor insiste em adotar o conceito de autenticidade no sentido comunitário. Ou seja, o indivíduo como ser natural que está aberto ao próximo, sendo a sociedade o lugar da realização do ser autêntico.

Segundo ele, a cultura e a sociedade desse tempo experimentam uma dupla sensação contraditória: por um lado, é inegável o desenvolvimento civilizacional produzido pela tecnologia, entretanto, esse mesmo desenvolvimento não compreende um nível “moral”, já que, sob esse aspecto, o que se experimenta é um sentimento de declínio ou de perda. Para Taylor essa conquista tem um lado sombrio, a “geração do eu”, o indivíduo ao centrar-se em si mesmo, perdeu seus horizontes de sentido, em um processo que ele mesmo denomina de “desencantamento do mundo”.

“Nossa cultura e sociedade contemporâneas que as pessoas experimentam como perda ou um declínio, mesmo enquanto a civilização ‘se desenvolve’. Às vezes, as pessoas sentem que algum declínio importante ocorreu durante os últimos anos ou décadas – [...] recentemente, essa preocupação veio à tona novamente no que diz respeito aos frutos de uma ‘sociedade permissiva’, os feitos da ‘geração do eu’ [...]”. (TAYLOR, 2011, p.11-14)

Os antigos ideais morais são substituídos por um relativismo brando, no qual o único bem que pode ser razoavelmente defendido é escolher o próprio direito. Essa perda da dimensão heroica da vida e de seu significado, pela superestimação da racionalidade instrumental e da indiferença política, conduz a humanidade à moderna "pequena e vulgar felicidade" e, em última instância, leva à perda da própria liberdade. Portanto, Taylor propôs uma reformulação teórica do significado de autenticidade, ou seja, um retorno ao ideal moral do individualismo. Sempre que um indivíduo considera não apenas seus próprios interesses, mas também sua relação com outros significantes por meio da expansão de sua visão de significado para a autorrealização, ele é autêntico.

“É importante ver que o ideal de autenticidade incorpora algumas noções de sociedade ou, pelo menos, de como as pessoas devam viver juntas. A autenticidade é uma faceta do individualismo moderno e uma característica de todas as formas de individualismo, que não apenas enfatizam a liberdade do indivíduo, mas também propõem modelos de sociedade. Não conseguimos enxergar isso quando confundimos os dois sentidos bastante distintos de individualismo que já discriminei. O

individualismo de anomia e desagregação evidentemente não possui ética social associada a ele; entretanto, o individualismo como princípio moral ou ideal deve oferecer alguma opinião a respeito de como o indivíduo deveria viver com os outros”. (TAYLOR, 2011, p. 52)

### **2.2.1 - A Autenticidade como Ideal Moral**

No decorrer de sua obra, o filósofo vai apresentar algumas características da sociedade atual, na qual ele chama de “os males da modernidade”. Ele analisa três males: Sendo o primeiro, a perda do significado; o segundo, a perda dos fins; e o terceiro, a perda da liberdade. diante disso, Charles Taylor demonstra que tanto o segundo como o terceiro mal, são consequências do primeiro. Isso porque, o primeiro mal, faz referência de questão quantitativa.

No entanto, mesmo tendo uma relação, os males, são aplicados numa extensão ou dimensão que está distinta da vida. O primeiro mal, é apresentado como “desencantamento do mundo”, ou “perda da dimensão heroica da vida”, e fala a respeito da subjetividade e o modo pelo qual ela é formada e compreendida. O segundo mal, é descrito como “primazia da razão instrumental”, e diz respeito ao mundo, ou melhor dizendo, ao modo pelo qual essa subjetividade desarticulada (descrita pelo primeiro mal) se relaciona com o mundo e com a tecnologia ao seu redor. Por fim, o terceiro mal, é exposto como “apatia política” e “sentimento de impotência”, ela conta a respeito da política e da vida em sociedade, isto é, o modo pelo qual aquela subjetividade atomista se relaciona com o político.

Portanto, está claro que todo “pecado” da modernidade encontrou um terreno comum nas noções subjetivas de atomismo, narcisismo e hedonismo. Por esse motivo, Taylor dá mais atenção ao primeiro problema, considerando que sua solução teria consequências encorajadoras para mudar a percepção de outros problemas. Também é importante enfatizar que Taylor não via essas questões de forma pessimista, como se fossem a causa do declínio da sociedade contemporânea. De fato, o autor destaca que esses problemas representam um mau estágio de autenticidade, ou seja, a interpretação desse ideal está incorreta e, portanto, pode ser aprimorada ou modificada.

“A natureza essencial dos desenvolvimentos, que estão sendo desprezados aqui e louvados lá, é frequentemente mal compreendida. E, como resultado, a verdadeira natureza das escolhas morais a serem feitas será obscurecida”. (TAYLOR, 2011, p.20)

Partindo dessa perspectiva Charles Taylor, configura a autenticidade como um “ideal moral”, que situa o indivíduo na sua identidade dialética de linguagem. Isto é, o sujeito é um ser inserido em sua comunidade de fala, e compartilha uma articulação de valores que estão no seio da tradição recebida. Isso significa que a formação dialógica da identidade é uma das

características principais do *self* situado e, por esse motivo, as relações de reconhecimento não só são constitutivas, mas também indispensáveis para a formação da subjetividade. Ele compreende o ideal moral como uma espécie de “padrão do que devemos desejar”. Por isso é importante observar que há uma igualdade na estrutura do valor moral com a estrutura do desejo. Esse padrão moral que existe no individualismo é justamente a autenticidade, vai dizer o autor, porém, não no sentido de se autorrealizar, mas sim no sentido de ser fidedigno. Por esse motivo, “para Taylor há um ideal moral importante em trabalho, não importa quão rebaixada e disfarçada possa ser sua expressividade. O ideal moral no plano de fundo da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo” (E.A. p.25).

### 2.2.2 - A Fidelidade a Si Mesmo

Vimos que o plano de fundo do ideal moral é a autorrealização do indivíduo na fidelidade a si mesmo. Contudo, há possibilidade de sermos fieis a nós mesmos sem escorregar num atomismo solipsista? Essa pergunta, pode-se dizer, fez com que Charles Taylor refletisse e argumentasse. Porém, eu pergunto, nós somos fieis aos princípios adquiridos ao longo de nossas vidas? Creio que esta pergunta está latente nos dias atuais. Vivemos de certa maneira uma infidelidade social e cultural. Voltemos então aos argumentos que Taylor propõe sobre o assunto.

“Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. Estou realizando uma potencialidade que é propriamente minha. Essa é a compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade, incluindo suas formas mais degradadas, absurdas ou triviais. É o que dá sentido à ideia de fazer suas próprias coisas ou encontrar sua própria realização”. (TAYLOR, 2011, p. 39).

Primeiramente, o relativismo é, por si mesmo, um ideal moral baseado em um princípio de neutralidade acerca das concepções de vida boa. Nesse sentido, quando o relativismo afasta do debate público questões sobre valores, enquadrando-as como fora dos domínios da racionalidade, ele apenas se assegura como um ideal moral que tem como objetivo tratar os valores de forma negativa. Nesse sentido, para Taylor “há algo contraditório e autodestrutivo nessa posição, já que o próprio relativismo é alimentado, pelo menos em parte, por um ideal moral. Assim, “o ideal se reduz ao nível de um axioma, algo que não se desfia e também nunca se expõe” (E.A p.27).

A autenticidade não é somente um ideal moral, mas também é debate e discussão. Porque o raciocínio das questões morais não é uma tarefa individual; é preciso um interlocutor, que também possua ideias acerca da moralidade, e é preciso um ponto moral de partida.

“Raciocinar sobre questões morais é sempre raciocinar com alguém. Você possui um interlocutor, e começa pelo lugar onde essa pessoa está ou pela diferença de fato entre vocês; você não raciocina a partir do zero como se estivesse falando com alguém que não reconhece qualquer exigência moral. Seria impossível discutir sobre o certo e o errado com uma pessoa que não aceitou exigências morais tanto como seria impossível debater a respeito de problemas empíricos com uma pessoa que se recusa a aceitar o mundo da percepção ao nosso redor”. (TAYLOR, 2011, p.41)

Isso acontece por causa de uma condição essencial e irrefutável da vida humana, isto é, o caráter dialógico. O modo definido da identidade humana só tem sua ação desde que aja a aquisição de uma linguagem introduzida pela troca com os “outros significativos”. Isso não aduz que a autonomia é impossível: apenas indica que, sobre questões de mundo, a autonomia não é suficiente para gerar significantes. Por isso, é esperado que nós desenvolvamos as nossas próprias opiniões, nossas perspectivas, e nossas posições em relação às coisas, até um patamar mais elevado por meio da reflexão solitária, assim diz o filósofo. “No entanto, não é assim que as coisas funcionam com as questões importantes, tal como a definição de nossa identidade. Nós a definimos sempre em diálogo, por vezes em conflito, com as identidades que nossos outros significativos querem reconhecer em nós” (E.A p.43). Em sua obra *argumentos filosóficos* o autor canadense, vai comentar o que para ele é o caráter dialógico na formação de um ideal de identidade.

“Assim sendo, minha descoberta de minha identidade não implica uma produção minha de minha própria identidade no isolamento; significa que eu a negocio por meio do diálogo, parte aberto, parte interno, com o outro. Eis por que o desenvolvimento de um ideal de identidade gerada interiormente dá uma nova importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende crucialmente de minhas relações dialógicas com os outros”. (TAYLOR, 2000, p. 248).

A condição de dialogicidade é uma circunstância de inteligibilidade. Por isso, mesmo que seja possível escolher autonomamente sobre qual valor é melhor ou pior para si mesmo, nunca se escolhe sobre o nada neutro: é necessário um conjunto de questões morais relevantes, e essas questões não são monológicas, mas sim colocadas a partir de um contexto tradicional, um horizonte de sentido preexistente à escolha. Esse horizonte é um dado e, para que a autorrealização e a auto escolha tenha um significado, é preciso que elas anteriormente se coloquem ao sujeito como uma questão importante, de modo que, para Taylor, “posso definir minha identidade apenas em contraste com o conhecimento das coisas que importam” (A.E p.49).

Por fim, a condição dialógica da vida leva à necessidade de reconhecimento. Desse modo, este representa uma das garantias a partir das quais é possível ser autêntico e fiel a si mesmo sem cair no atomismo, no narcisismo ou no hedonismo. O reconhecimento é o modo de relacionamento recíproco que possibilita a vida social. Ele implica no princípio da equidade, isto é, na ideia de que todos devem ter as mesmas chances de desenvolver a própria identidade

socialmente. Obviamente isso é um problema para o liberalismo da neutralidade, entretanto, a partir do momento em que se adota a perspectiva dialógica, percebe-se que esse problema perde sua razão de ser em face de um horizonte de sentido compartilhado, o que representa a superação da noção meramente procedimentalista de reconhecimento.

“Unir-se em um reconhecimento mútuo de diferenças – isto é, do igual valor de identidades diferentes - exige que compartilhemos mais do que a crença nesse princípio; temos que compartilhar também alguns padrões de valor que as identidades referidas conferem como iguais. Deve haver um acordo substancial sobre valor, ou então o princípio formal de igualdade será vazio e uma fraude”. (TAYLOR, 2011, p.59)

Percebe-se, enfim, que, a partir dessa discussão sobre o primeiro mal estar da modernidade, qual seja, a perda de sentido, configura-se a autenticidade como um ideal moral articulado com horizontes de sentido tradicionais. Isso significa que a autenticidade é, sim, um ser fiel a si mesmo, mas essa originalidade é reflexiva, tendo em vista a necessidade do reconhecimento. É, portanto, uma originalidade que se aliena no outro e retorna para si com consciência do seu lugar no mundo e na sociedade.

A partir dessa análise dos três problemas da modernidade, é possível, enfim, afirmar que a autenticidade como ideal moral representa um caminho de superação. Mas não se trata de caminho simples e tranquilo, porque a autenticidade, em si mesma, representa a tensão dialética do esforço do humano em transformar-se em um ser original reflexivamente.

### **2.3 – A Ética do Reconhecimento**

No longo período de tempo da história de nossa sociedade, a autenticidade foi e pode-se dizer que é considerada como sendo uma busca individual do *self*, baseada numa racionalidade desengajada, que não considerava ou considera os horizontes de sentido ou ainda as relações com os “outros significantes”. Através da análise proposta por Charles Taylor, essa perspectiva muda, ou melhor dizendo, através do argumento de Taylor o conceito de autenticidade muda de perspectiva, sendo agora descrita como um ideal moral dialógico, fundamentada no reconhecimento.

O indivíduo autêntico significa fidelidade a seus princípios e valores. E ser fiel a si mesmo, requer a necessidade de reconhecer-se. A relação entre identidade e reconhecimento funda-se na conjectura de que a vida humana tem um caráter fundamentalmente dialógico. De fato, o processo de autodeterminação individual parte de estruturas socialmente estabelecidas, sendo aprimorado na interação com o outro. Aliás, o próprio valor de uma identidade é

estabelecido por elementos externos, e não pelo próprio indivíduo, sendo, portanto, dependentes de um reconhecimento.

[...] a identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência, frequentemente pelo reconhecimento errôneo por parte de outros, de modo que uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer reais danos, ou uma real distorção, se as pessoas ou sociedades ao redor deles lhes desenvolverem um quadro de si mesmas redutor, desmerecedor ou desprezível. O não-reconhecimento ou o reconhecimento errôneo podem causar danos, podem ser uma forma de opressão, aprisionando alguém numa modalidade de ser falsa, distorcida e redutora. (TAYLOR, 2000, p.241)

Diante desse pensamento, fica em evidencia a formação da identidade como valor inestimável para o reconhecimento; pois, somente há uma possibilidade de reconhecimento quando se há um retorno correspondente de quem somos por parte das outras pessoas ou por um grupo de pessoas. Sendo assim, há uma existência de caráter dialógico na autenticidade. Isto é, uma compreensão original de si mesmo que é dependente de uma relação linguística dotada de sentido com outros significantes. No nível pessoal, portanto, o reconhecimento de primeiro tipo é essencial para o surgimento da identidade de autodescoberta e auto confirmada. Segundo Taylor, “relacionamentos amorosos não são importantes apenas em razão da ênfase geral na cultura moderna sobre as satisfações da vida ordinária. Eles também são cruciais porque são prova da identidade gerada interiormente” (A.E p.57).

### **2.3.1- O ato do reconhecimento ético**

Em nossa contemporaneidade o reconhecimento é um dos problemas atuais que vivemos, principalmente no cenário político atual. Contudo, o reconhecimento não se configura apenas em uma discussão política. Na verdade, é também uma discussão filosófica, e, por assim dizer, é uma discussão ética. Por essa razão, o filósofo discute o reconhecimento em dois âmbitos. O primeiro no âmbito privado, que fala a respeito ao reconhecimento do indivíduo em sua singularidade. O segundo âmbito debate o reconhecimento em um sentido mais amplo. Tratando do reconhecimento de um povo, de uma cultura, de uma raça, enfim, trata da luta por reconhecimento por parte das minorias. Desse modo, o ideal de autenticidade também possui esses âmbitos, particular e coletivo.

Entretanto, como já foi dito, autenticidade e reconhecimento estão como que numa relação complementar, um conceito leva ao outro, mas, ao mesmo tempo, um necessita do outro. Essa complementaridade acontece tanto no nível íntimo quanto no nível social. No nível íntimo, uma identidade que busca a originalidade é vulnerável ao reconhecimento dos outros mais próximos. No nível social, o reconhecimento igual é a maneira mais apropriada para uma sociedade democrática, pois todos os grupos sociais estão no mesmo patamar de igualdade.

Projetar uma imagem redutora pode causar graves danos à identidade de um grupo ou povo, pois, como já afirmamos, pode introjetar uma imagem negativa que venha a impedir o pleno desenvolvimento desse grupo ou povo.

A discussão em torno do reconhecimento ganhou uma enorme relevância, devido especialmente aos danos causados pelo não-reconhecimento ou pelo reconhecimento errôneo. Isso se deve à relação estreita que existe entre identidade e reconhecimento, tema que buscamos apresentar acima. Agora se faz necessário apresentar o que propriamente Taylor entende por reconhecimento e suas implicações na esfera íntima e na esfera social.

### **2.3.2 - Autenticidade e reconhecimento como abertura**

Dessa maneira, a autenticidade deixa de ser um processo monológico, para adentrar na esfera dialógica da vida: o modo como o mundo é interpretado depende das relações intersubjetivas e do acesso ao mundo dos significados. Incluir o outro na noção de autenticidade implica em afirmar que a identidade individual é formada por relações de reconhecimento.

Em suma, podemos dizer que a autenticidade (A) envolve: (i) criação e construção assim como descoberta, (ii) originalidade e, frequentemente (iii) oposição às regras da sociedade e mesmo potencialmente ao que reconhecemos como moralidade. Contudo também é verdade, como vimos, que (B) requer: (i) a abertura aos horizontes de significado (visto que de outro modo a criação perde o pano de fundo que pode salvá-la da insignificância) e (ii) uma autodefinição do diálogo (TAYLOR, 2011, p.73)

Isso significa que o ideal de autenticidade internaliza uma contradição constitutiva: por um lado, ela é impulso criativo e original de opor-se a regras morais preestabelecidas, ao mesmo tempo em que requer a abertura dos horizontes de significado a partir do diálogo. Isso significa que a estrutura dialógica da linguagem humana e os valores tradicionalmente transmitidos não aprisionam e engessam a identidade do sujeito no seio de uma determinada comunidade, como afirmam a maioria dos críticos ao comunitarismo, mas ao contrário: é justamente ela que possibilita o conjunto inicial de questões significantes a partir das quais a subjetividade pode navegar e dialogar, alterando-se originariamente a si mesma a partir das relações com os outros.

Nesse sentido, ao considerarmos a existência de uma necessária abertura dialógica dos horizontes morais unindo-se ao ato de reconhecimento do outro, propriamente dito, então percebe-se que a construção da identidade representa uma tensão dialética entre originalidade (autenticidade) e reconhecimento. Entretanto, Taylor escreve a ética da autenticidade, mas não desenvolve uma respectiva ética do reconhecimento. O que ele faz é inaugurar um pensamento político a respeito, considerando que o reconhecimento é a origem mesma da interação social.

## - Conclusão

Percebe-se que em sua obra *a ética da autenticidade*, Charles Taylor busca fazer uma reconstrução com argumentos acerca do profundo e real significado da cultura moderna. Credo em um ideal moral da cultura moderna que não se realizou, pelo menos até agora, em sua totalidade, e que isso deve-se as mais variadas distorções deste ideal na cultura contemporânea. Por essa razão, Taylor principia seu trabalho identificando os mal-estares (três) da sociedade moderna e contemporânea. Na qual se experiencia um declínio ou perda (iniciada no século XVII), mesmo que se encontre em desenvolvimento.

Esta perda que o filósofo cita, parece ter ligação de “estreitamento”. Ou seja, as pessoas tiveram uma perda de uma visão abrangente porque centralizaram-se na vida individual. Por isso Taylor segue Tocqueville, acreditando na igualdade democrática como orientação do indivíduo para si mesmo; isto é, há um desenvolvimento centrado em si, e isso faz com que nivele ou possa restringir a vida. Fazendo-a assim, mais pobre de significado e menos angustiada com os outros e principalmente com a sociedade. Dessa maneira, “o sentido de que vidas foram niveladas e estreitadas, e de que isso está articulado a uma auto absorção anormal e lamentável, parece ganhar destaque e formas específicas na cultura contemporânea” (A.E p. 14).

Para embasar seu argumento, Taylor debate tanto com alguns “incentivadores” quanto com alguns críticos radicais da cultura moderna. Para ele, o caminho correto para se entender a profundidade do significado da cultura moderna, de modo que possa explorar em seu potencial moral o que ela de melhor tem a oferecer para a humanidade, não é nem aquele recomendado pelos incentivadores convictos, nem o favorecido pelos totalmente críticos. Na verdade, Taylor busca um terceiro caminho analítico, que procura compreender em sua profundidade a cultura moderna, de modo a levar adiante seu ideal moral. Para rever este “debate desarticulado”, ele encontra no livro de Allan Bloom, *The Closing of the American Mind* (1987), um bom ponto para da partida ao seu trabalho. Este autor tomou uma posição crítica severa em relação à juventude instruída de hoje. O principal aspecto que ele notou em sua perspectiva a respeito da vida foi a aceitação um tanto quanto fácil do “relativismo”. Todos possuem os próprios “valores” e sobre eles é impossível discutir (A.E p. 23). O relativismo é em si uma ramificação de uma forma de individualismo, ou seja, cada pessoa tem o direito de desenvolver a própria maneira de viver, fundamentada no próprio sentido do que é realmente importante ou de valor.

O que precisamos entender é a força moral por trás da noção de autorrealização. Se tentarmos explica-la como algum tipo de egoísmo, relaxamento moral ou autoindulgência em

comparação a uma época anterior mais exigente e dura, já estamos no caminho errado. O que se perde neste tipo de crítica é a força moral do ideal de autenticidade. Ele está sendo implicitamente descreditado junto com suas formas contemporâneas. O resultado disso foi o aumento da escuridão acerca do ideal moral da autenticidade. Críticos da cultura contemporânea, para Taylor, tendem a menosprezá-lo como um ideal, chegando a confundi-lo com um desejo não moral de fazer o que se quer sem interferência (*A.E* p. 30). Assim, muitas das formas de vida que os críticos da cultura contemporânea atacam são formas degradadas ou desviantes deste ideal. Ou seja, elas decorrem dele, e seus praticantes até o invocam, mas não representam sua realização autêntica.

Com isso, a autenticidade não pode ser defendida de maneiras que colapsem horizontes de significado. Mesmo o sentido de que o significado de minha vida vem de ela ser escolhida depende da compreensão de que, independentemente de minha vontade, há algo nobre, corajoso e significativo em dar forma a ela. Assim, Taylor conclui que algumas formas de vida contemporâneas autocentradas e “narcisistas” são de fato superficiais e banalizadas, como afirmam os críticos radicais da cultura. Desta forma, Taylor apresenta um horizonte moral profundo, para além de suas formas degradadas na cultura moderna, diante do qual deve ser compreendida a necessidade de reconhecimento social contemporânea compartilhada por todas as pessoas, sem exceção.

Ambos foram moldados pelo crescente ideal da autenticidade, e o reconhecimento, assim, desempenha um papel essencial na cultura que se desenvolveu a partir desse ideal. Desta forma, Taylor deixa claro que a necessidade humana de reconhecimento social ganha contornos específicos na modernidade a partir da ascensão do ideal da autenticidade. O reconhecimento se torna uma questão de “foro pessoal”, inevitável e incontornável, que se impõe como uma realidade objetiva sentida por cada indivíduo na vida moderna.

## CAPÍTULO 3

### EXCELÊNCIA MORAL E AUTORREALIZAÇÃO DO INDIVÍDUO EM SOCIEDADE

#### 3.1 – A sociedade e o indivíduo: Seu caráter e sua autorrealização

A nossa Sociedade contemporânea vive um conflito de problemas nas mais variadas ordens de dificuldade, apesar de seu desenvolvimento diário como já foi dito antes. Tanto a Sociedade hodierna como a Sociedade no passado buscaram responder as questões sobre as virtudes do ser humano, mesmo que esteja em uma contínua mudança. Nesse contexto alguns pensadores, como Charles Taylor e Aristóteles, procuraram fazer um certo diagnóstico crítico do que seja considerado um problema social da virtude. Na verdade, ambos apresentam a plenitude do homem na autorrealização; Taylor pela via da autenticidade e o estagirita pela excelência das virtudes. Com isso podemos nos perguntar, o que o pensamento de ambos tem em comum? Ou como se relacionam em suas ideias? Essas indagações responderemos no discorrer deste capítulo.

A sociedade contemporânea e moderna perdeu a sua unidade e a sua maneira de constituir agentes de moralidade; pois, molda o caráter de seus indivíduos com traços pouco profundos ou filosóficos para vivenciar o que os antigos consideravam uma “vida boa”. e o que seria uma vida boa? pode-se afirmar que sua plenitude se encontra na *Eudaimonía* conforme a *virtude*, como reflete Aristóteles, ou na autorrealização conforme a autenticidade, como diz Charles Taylor. Por conseguinte, quando uma sociedade tem uma experiência histórico-cultural em sintonia com as normas que criou vive momentos de conforto, caso contrário mergulha em crise. Nosso tempo vive uma destas crises, mas ela não rompe com os valores centrais, nem com a rota estabelecida na contemporaneidade. Estes ciclos de maior e menor conforto se sucedem na história da humanidade. As crises da cultura não são necessariamente momentos ruins, elas proporcionam a avaliação e atualização dos valores.

Dizemos portanto que há concórdia entre as pessoas em relação a atos praticados e quando estes atos podem ter consequências, e quando é possível que neles duas partes, ou todos eles, obtenham o que desejam; por exemplo, há uma concórdia numa cidade quando todos os cidadãos pensam que as funções públicas na mesma devem ser eletivas,[...] mas quando entre duas pessoas cada uma deseja para si mesma aquilo sobre que se questiona, como os comandantes rivais nas *finícias*, o que há é discórdia;[...]. (ARISTÓTELES, 1996, p.287)

Ou como diz Charles Taylor,

Se homens e mulheres são iguais, não é porque são diferentes, mas porque passam por cima das diferenças de algumas propriedades, comuns ou complementares, as quais são valiosas. Eles são seres capazes de raciocinar e amar, recordar ou de reconhecer dialogicamente. Unir-se em um reconhecimento mútuo de diferenças – isto é, do igual

valor de identidades diferentes - exige que compartilhemos mais do que a crença nesse princípio; temos que compartilhar também alguns padrões de valor que as identidades referidas conferem com iguais. Deve haver algum acordo substancial sobre valor, ou então o princípio formal de igualdade será vazio e uma fraude. (TAYLOR, 2011, p.59)

Ao nascer, já nos deparamos com regras de comportamento. Em nossas famílias, aprendemos as primeiras lições de valores morais com nossos pais. Cada indivíduo possui cultura, costumes e características distintas. Consequentemente, o lugar em que vivemos, possui uma grande variedade de pessoas com as mais distintas particularidades. O sucesso do relacionamento social está ligado às nossas escolhas e atitudes. Não é suficiente somente conviver, temos que aceitar e respeitar as diferenças de todos os grupos que fazem parte da sociedade.

### **3.1.1 – O caráter individual**

Sempre vivemos em grupo, mas a novidade de nosso tempo é que o homem concebido como existente não é tomado à parte do mundo. Dizer que a vida humana se realiza na sociedade não significa que o homem não tenha intimidade. Ele está parte do tempo consigo, mas sua subjetividade não é tomada à parte do que o cerca. Com a expressão caráter individual não se quis dizer que os indivíduos mudem seu caráter ou não honrem suas virtudes desenvolvidas, apenas que tal caráter parece mais baseado no *ethos* que na *hexis*. Como a virtude moral varia conforme a situação e a ação, essa atitude advém da moralidade do agente aplicada a circunstância.

Quando temos dúvidas de como agir em determinada situação, devemos pensar nas respostas a três dilemas éticos, sendo: Devo? Quero? Posso? Existem determinadas coisas que a pessoa deve fazer, mas não quer, outras ela quer, mas não pode, além das que ela pode, mas não deve. Tais dilemas éticos respondem se a ação está ligada ao individualismo extremo e se os valores morais serão preservados ao realizar o ato. Temos a liberdade para fazermos muitas coisas na vida, mas o nosso comportamento sempre deve ser regido pelos princípios da ética. Devemos considerar de que maneira a ação tomada irá impactar na vida dos demais indivíduos da sociedade.

A forma com que o indivíduo age em sociedade, determina se ele é uma pessoa ética ou antiética. A pessoa é considerada ética quando possui um modo de viver considerado socialmente bom. Para que tenhamos um convívio social harmonioso é imprescindível respeitarmos certas normas preestabelecidas pela sociedade na qual estamos inseridos.

### **3.1.2 – O caráter social**

Os comportamentos e hábitos morais são construídos historicamente e socialmente a partir das relações coletivas dos homens nas sociedades nas quais nascem e vivem. Entendemos que a vida se desenvolve numa cultura que é uma espécie de segunda pele e que surge pela objetivação de valores. Isto é, o caráter social como reflexão moral que envolve regras ou normas de comportamento individual, o ato em si, o agir, a prática cotidiana do homem em sociedade. Portanto, quando falamos da vida em sociedade reconhecemos que ela possui sustentáculo moral porque os grupos humanos movem-se em espaços de relacionamento, modificam a natureza, criam ciência e desenvolvem normas de convivência a partir dos valores que alimentam e objetivam.

A sociedade é norteada pelo comportamento das pessoas. O debate de assuntos polêmicos é ético, a partir deles acontecem as mudanças de percepções da sociedade. Cada indivíduo deve contribuir para a melhoria do mundo. É papel de todos sensibilizar e debater as mudanças necessárias para que mulheres, homens, crianças, adolescentes, idosos, homossexuais, negros, indígenas, portadores de necessidades especiais, pobres, ricos, entre outros, tenham condições de vida mais justas e acesso a um mundo mais equitativo. Uma sociedade justa só é possível quando a sociedade aplica a ética em suas rotinas. A mudança não ocorre quando aguardamos apenas a transformação dos outros, todos os indivíduos têm um papel importante na construção de uma sociedade melhor.

### **3.2 – A Perfeição da Excelência: Ser Autêntico**

Em nosso tempo, para muitos, o êxito ou autorrealização, como queiramos chamar, está ligada às conquistas supérfluas como ser celebridade, ter um ótimo emprego ou melhor ainda ser uma pessoa de posses e etc. É uma época onde as percepções social, política, artística tudo passou a ser mediado por ideias, conceitos e também pelo impacto do que é visto na TV, no cinema e outros meios de comunicação, podendo ser experimentado sem que a verdadeira experiência ocorra, de fato. Dessa forma, a característica própria da sociedade contemporânea, traduz-se como uma crise no fundamento da experimentação, ou seja, da subjetividade. E qual seria a verdadeira experiência? Para Aristóteles está em ser virtuoso, buscando a excelência das virtudes. Para Taylor está na autenticidade do ser em sociedade, buscando ser autêntico na vida privada e social.

A frustração causada pelos ideais de uma vida aparentemente bem-sucedida quase intransponíveis e quase totalmente focada na vida concreta, com pouca ou nenhuma menção à

vida contemplativa. São indivíduos que renunciam à própria essência para protagonizar um espetáculo, podendo assim dizer, e que experimentam diariamente novos valores estabelecidos, um pluralismo moral que inclui insatisfação, imediatismo e a criação de pseudonecessidades, como fluidez nas relações sociais, substituição e obsolência de tudo: uma “vida boa” que abrange padrões de felicidade em que nada pode ser suficiente e nunca se chega a lugar algum, por lhe faltar uma base ética de apoio que contribua à responsabilidade individual e torne a busca pelo prazer e o compromisso social duas coisas compatíveis.

A ótica aristotélica, entende por bem-estar social como uma busca constante da felicidade, que só pode ser alcançada por meio das ações humanas promovidas pelo intelecto. Desse modo, o homem nasce e vive para encontrar a felicidade, o bem maior desejado pelo ser humano, mas na concepção de Aristóteles só se pode alcançá-la a partir de ações virtuosas, baseadas em princípios racionais. A virtude é “uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consiste numa mediania, isto é, a mediania é relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional do homem dotado de sabedoria e é um meio termo entre os vícios, um por excesso e outro por falta. (*EN. II 6 p.144-145*).

Para Charles Taylor a autenticidade, ou seja, ser autêntico é um ideal constitutivo da subjetividade do homem moderno e contemporâneo, que ao decorrer da história vem sendo distorcida pela sociedade hodierna, com consequências drásticas nas relações afetivas e sociais. Taylor define o ser autêntico como sendo a imagem da melhor e mais elevada forma de viver a vida em sociedade. Isto é, é um bem maior e almejado, pelos quais as pessoas devem dedicar sua existência para sua *Eudaimonía*.

### **3.2.1 – Ser autêntico: o ápice da vida em sociedade**

Ser autêntico ou ser virtuoso nos mostra que o indivíduo pode chegar à *Eudaimonia*, mas o exercício delas não é simplesmente um meio para um fim, uma vez que tal exercício é também componente desse *télos*: uma vida humana completa e bem vivida. Então podemos nos perguntar, como se constitui o agente moral contemporâneo, inserido em uma sociedade marcada pela descrença nas instituições moral, social e política, e como a autenticidade pode contribuir ao resgate das virtudes, do viver bem e conduzir-se bem na sociedade de hoje? O principal argumento trabalha com a hipótese de que a crise ética contemporânea tem uma de suas origens na crise das éticas deontológicas, e a possível alternativa para tal é a retomada do modelo da Ética das Virtudes sem excluir a exigência normativa, recriando valores éticos e virtudes a partir dos problemas de nosso tempo.

Os ideais morais de uma cultura definem a seleção dos temas que serão partes da preocupação das pessoas de uma determinada sociedade. Na verdade, Charles Taylor esclarece, que os ideais morais formam um fundo por meio do qual o mundo adquire sentido. Para ele, esses ideais morais nos antecedem e por outro lado, também somos agentes desse ideal. Assim, Taylor defende o ideal moral de autenticidade como busca da autorrealização, porém de uma forma totalmente diferente das formas atuais extremas do narcisismo ou autocentrado, que distorcem e lançam o homem para longe da ligação com importantes valores sociais, históricos e culturais daquilo que transcende o self.

### 3.2.2 - Ser autêntico: construção de identidade

Diante da problemática da identidade pessoal, uma pergunta surge “quem sou eu?”. Este é o drama em que os filósofos se encontram ao perceberem a dificuldade, ou melhor, o desafio em como eu posso ser reconhecido como o mesmo em diferentes locais e/ou tempos? Quem nunca se encontrou, num processo de autoconhecimento, com a dificuldade de falar sobre si mesmo? Ou mais, diante da própria imagem refletida no espelho, perguntar-se: “quem sou eu?” Entremedio a estas angústias existenciais, vem à tona a proposta de uma identidade pessoal, que se faz valer na medida em que vamos dando significado a nós mesmos, pelas relações com os demais, pela avaliação dos desejos e escolhas, por aquilo que nos é importante e pela projeção de um futuro.

Primeiramente, em termos gerais, deve vir a pergunta, que é o homem? Remontamos, aqui, a forte influência do pensamento aristotélico na filosofia tayloriana: “o homem é por natureza um animal social” (*EN. IX p.293*). Por este viés constitui-se o homem dentro de uma comunidade, pois a natureza da comunidade é humana, obra humana, e as relações dentro dela se dão pela necessidade natural de o homem assim viver.

“Logo, mesmo o homem feliz tem de conviver, pois ele deve ter tudo que é naturalmente bom. [...] pensa-se também que o homem feliz de ter uma vida agradável. Ora: se ele fosse um solitário a vida lhe seria difícil. [...] com outras pessoas, todavia, e em relação a outras, isto é mais fácil. Com outras pessoas, então, sua atividade será contínua e será mais agradável em si, como deve ser para o homem sumamente feliz. (ARISTÓTELES, 1996, p.293).

A questão da identidade pessoal não se encontra de forma explícita em Aristóteles, porém, vincula-se a ele o germe da identidade que está em formação a partir de convivência em comunidade. Neste sentido a construção da identidade pessoal liga-se às suas fontes morais, à comunidade. Para Taylor é importante compreendermos esta relação entre o self e o bem, identidade e moralidade, para reconstruir o processo pelo sentido da compreensão da identidade pessoal. Sem esta relação o homem perde o seu horizonte significativo, suas possibilidades de

escolha do agir diante do sentido da moral. Vê-se, então, que a capacidade de fazer esta relação entre bem e self se dá por uma capacidade peculiar do ser humano: a autointerpretação<sup>10</sup>, visto que, ao deparar-se com seus desejos e motivações, se encontra também com a possibilidade de interpretar estes desejos e motivações.

Esta capacidade auto interpretativa é o que faz o homem pensar acerca de si mesmo, e o projeta a uma compreensão de sua identidade. A nossa própria avaliação caracteriza uma essencialidade humana, que possibilita o próprio reconhecimento enquanto ser humano. Assim, Taylor apresenta duas formas diferentes em que o homem anseia pelas realizações de seus desejos e, nestes, as avaliações que implicam num discernimento de escolhas, que valham ao que lhe é de mais importante, implicando na realização de sua própria identidade.

### **3.3 – Excelência e Autenticidade: como fim em si mesmo**

Para Aristóteles, a finalidade última da vida humana é encontrar a felicidade (*eudaimonía*). Para o homem alcançar a felicidade é necessário que viva racionalmente, e viver racionalmente implica viver segundo a virtude (*aretê*). Ao observarmos e refletirmos, evidenciamos que a felicidade, nos preceitos filosóficos, não se trata ou se resume aos bens materiais, terrenos ou momentâneos, nesse aspecto, descartam, ainda que inconscientemente, a possibilidade de vida ética para o bem de si e dos outros. Só podemos ser felizes se desenvolvermos a vida no coletivo dignamente, trata-se do compromisso com o outro, de olhar e comprometimento para com o outro na perspectiva do cuidado, do acolhimento, do respeito, assim podemos, gradativamente, alcançar uma vida ética, conforme o que nos ensina os escritos de Aristóteles. A ética para ele, tende a evidenciar o significado do “bem” em relação ao homem, porque somente seguindo o caminho do “bem” pode-se encontrar a felicidade, mas esse bem não é um “bem” passageiro, e sim um bem construído pelas ações de uma vida inteira.

Em Taylor, os seres humanos estão dotados de um sentido moral, de um sentimento intuitivo do que é bem e do que é mal. Isso se relaciona com a liberdade autodeterminada, com a política e com a autenticidade. Taylor denomina avaliação forte aquilo que envolve discriminações acerca do certo ou errado, melhor ou pior, mais elevado ou menos elevado, que são validadas pelos desejos, inclinações e escolhas, mas existem independentemente destes e oferecem padrões pelos quais podem ser julgados. A autenticidade, em Taylor, se relaciona com o que ele denomina traço central da vida humana: seu caráter fundamentalmente dialógico, ou seja, que a gênese da mente humana não é monológica, algo que cada qual atinja por si mesmo, mas é dialógica.

Na perspectiva tayloriana da autenticidade, o self se articula com o bem e com os conceitos: avaliações fortes, ontologia moral, configurações morais, princípio da melhor descrição, hiper bens e articulação. Existe, em Taylor, um limite para o concebível na vida humana. Segundo o autor, os homens são agentes corpóreos que vivem em condições dialógicas, que habitam o tempo de um modo especificamente humano, a saber, dando sentido a suas vidas na forma de uma história que conecta o passado do qual procedem com os futuros projetos.

### 3.3.1 – A Essencialidade do ser do Homem

Para o estagirita todos os homens possuem disposições de caráter e, por isso, possuem suas ideias próprias sobre o que é nobre e o que é agradável. A diferença entre os homens bons e outros está, talvez, no perceber a verdade em cada classe de coisas, porque existe neles uma norma e uma medida que leva ao ato correto, ao deliberarem sobre os meios:

“Sendo os fins, então, aquilo a que nós aspiramos, e os meios aquilo sobre que deliberamos e escolhemos, as ações relativas aos meios devem estar de acordo com a escolha e ser voluntárias. Ora: o exercício da excelência moral se relaciona com os meios; logo, a excelência moral também está ao nosso alcance, da mesma forma que a deficiência moral. Com efeito, onde está ao nosso alcance agir, também está ao nosso alcance não agir, e onde somos capazes de dizer 'não', também somos capazes de dizer sim [...]”. (ARISTÓTELES, 1996, p.159)

Se a escolha é sobre os meios e o exercício da virtude também se relaciona com os meios, faz parte de nossa possibilidade ser virtuoso ou vicioso, já que o agir e o não agir é próprio do ser humano. Somos os autores de nossas ações, sendo nossa tarefa a construção de nosso próprio caráter (busca do essencial), de nosso próprio ser.

O ideal do ser autêntico se torna fundamental para conseguir contemplar a identidade individual de cada um. Somente com essa valorização da identidade ou do self é que se torna possível redescobrir a essência dos indivíduos e como eles se relacionam entre si através do diálogo. A troca de saberes, a partir da linguagem, possibilita uma nova forma de sociedade, uma vez que proporciona a inserção do reconhecimento na modernidade e contemporaneidade. De acordo com Taylor, a identidade é definida como o conjunto de tudo que define a sua essência, sendo qualquer aspecto que possa definir alguém e como que essas características a tornam um ser humano. A identidade possui uma relação direta com a questão do reconhecimento dentro da igualdade, tanto que para a identidade ser formada, parte dela, é pela existência ou inexistência do reconhecimento. A construção do self se torna essencial no reconhecimento intersubjetivo dos indivíduos. Com isso, a necessidade da autenticidade é

reforçada, dado que, é somente a partir da mesma é que os indivíduos conseguem alcançar a autorrealização.

Em Taylor o pano de fundo da autenticidade é o imaginário social moderno. Segundo ele, o homem, a partir do século XVII, começa a gozar de uma nova liberdade sobre a base da não-interferência, da não-intervenção paternalista. Não há espaço para um deus ou um rei. Segundo Taylor, entre os modernos se destacam as questões em torno do sentido da vida. Nisso, destaca o papel da narrativa para que o ser humano moderno encontre um sentido de si mesmo e os requisitos do fazer sentido da vida. Reconhecer o transcendente significa, para o filósofo canadense, aspirar para além da vida ou abrir-se a si mesmo a uma mudança na identidade. Mas se você faz isto, onde você fica com relação ao florescimento humano? Há muita divisão, confusão e incerteza a respeito disto. É importante abrir-se a horizontes de significado que sejam institucionais, que façam parte da cultura organizacional e que possam ser compartilhados com as famílias. Como autodefinir-se no diálogo? A identidade não pode ser fechada, sob o risco de que as instituições percam a capacidade de dialogar com o seu tempo.

### **3.3.2 – A plenitude da dignidade**

Para Aristóteles, o bom, o belo e o prazeroso formam uma unidade e, condicionados mutuamente, integram a felicidade, que é o que há de mais belo, bom e prazeroso. Na verdade, pode-se dizer, que ele foi o primeiro filósofo a sistematizar uma ética filosófica a partir do conceito de *télos* como princípio estruturante ontológico e da afirmação fundamental para chegar à *eudaimonía*. Todavia, a felicidade para o filósofo estagirita, é uma inclinação natural do homem. Para ele, ser feliz corresponde a viver bem e conduzir-se bem, que equivalem, por sua vez, a uma vida eudemônica.

Portanto, em sua apresentação em a *Ética a Nicômaco*, os conceitos de fim e de bem ficam subtendidos, como sendo dois dos elementos que apoiam a sua teoria da ação, pois todas as coisas têm a sua função, e também nossas ações visam a uma finalidade, logo, tudo tende para a efetivação de sua causa final, ou seja, visa a um fim, que é o bem. Isto é, a plenitude de uma vida digna.

Em toda a história humana os homens sempre buscaram dar sentido ao que faziam e a suas vidas, esse “dar sentido” conota uma ideia de “viver bem”, sendo assim, uma meta a ser percorrida ou alcançada (visando o fim) para se ter uma vida plena. O que ocorre na modernidade é que existem inúmeras respostas que se tornaram plausíveis e que anteriormente

nem eram consideradas, mas a busca de sentido ainda está presente. Nesse sentido afirma Taylor:

Portanto, a necessidade de sentido pode ser preenchida por uma recuperação da transcendência, mas podemos também tentar definir a ‘única coisa indispensável’ em termos puramente imanentes, digamos, no projeto de criação de um novo mundo de justiça e prosperidade. E, do mesmo modo, sem apelo à religião, podemos buscar conferir ressonância ao cotidiano, à natureza e às coisas ao nosso redor, ao convocar nossa própria percepção profunda. (TAYLOR, 2010, p. 369).

Nesse sentido, existe como que uma voz no nosso interior capaz de discernir o certo e o errado. Mas essa profundidade não está vinculada somente ao interior do homem. Na verdade, o primeiro objetivo da ética da autenticidade, a saber, mostrar que a compreensão do certo e do errado não passa apenas por um simples cálculo, mas está enraizada em nossos sentimentos, pois o ser humano possui como que uma voz interna. Para “sermos seres humanos verdadeiros e completos.” (EA. p. 36), é necessário um contato com nossos sentimentos morais e com nossas profundezas interiores. Taylor entende que a moral não abrange somente nossa responsabilidade com os outros, mas também precisamos levar em consideração as ideias e os quadros descritivos que possuímos a respeito do que entendemos por uma vida boa, ou uma vida plena. Além disso, a nossa dignidade, enquanto seres humanos, também é assunto da moral. Dignidade entendida aqui como nosso sentido de merecer respeito, ou seja, agir de tal modo que possamos merecer o respeito alheio e que lhe dispensemos do mesmo modo o respeito devido.

Dentre os grandes eixos da moral, nossa responsabilidade com os outros, nossa ideia de vida plena e o sentido de dignidade, têm maior espaço no mundo moderno a discussão acerca do sentido da vida, ou de uma vida plena. A pergunta pelo sentido da vida pode surgir em todas as culturas e diz muito da própria cultura. Perguntar-se pelo sentido de uma vida plena é compreender e explicitar as configurações morais que fornecem as bases para a construção de uma vida plena.

### **- Conclusão**

Percebe-se que o conceito da virtude/excelência aristotélica pode contribuir para debate ético contemporâneo e também da possível recuperação da formação do caráter moral para que funcione como um filtro de ideologias errôneas apresentadas. esses argumentos feitos, proporcionam um norte para refletir sobre a Ética das Virtudes, uma vez que nos oferecem a oportunidade para falar do “conduzir-se bem” moralmente. tudo isso, com indivíduos que pensam e agem na lógica da sociedade, fascinada por diferentes representações do que seria

uma vida bem-sucedida. É perceptível que a atual crise de valores se insere em uma conjuntura muito mais ampla e que permeia todas as esferas de atuação humana. A ideia de vida bem-sucedida que se difunde atualmente, baseada na busca de uma autenticidade errônea, como vai dizer, Charles Taylor. Isso, impede a orientação da vida na direção para a correta ação, e sem uma definição razoável de ideal de vida feliz, é obscuro esperar que o indivíduo aja como um verdadeiro ser social, isto é, que o mesmo pautar sua ação para o que convém a si, mas também ao outro, atendendo a uma sociedade que pretende ser respeitada.

Portanto, Apoiando-se na ética, na virtude e na felicidade com respaldo na tradição filosófica, foi assumido o erguimento de possibilidades que contemplem a formação do caráter individual como principal ensejo à passividade de mudanças, adequando o ideal de autenticidade para uma definição que englobe também a vida em comunidade e as virtudes sociais.

Discutir a felicidade implica a reflexão acerca do que realmente importa na vida e sobre os méritos de suas diferentes possibilidades. Questionar o que se entende por felicidade em nossa contemporaneidade principalmente, faz ponderar sobre até que ponto os avanços humanos, nas mais diferentes áreas, têm contribuído à conquista de vidas dignas e à criação de condições para vidas mais bem sucedidas. O aumento da afluência e estabilidade material podem criar as bases para uma mudança de valores na sociedade? É possível a uma cultura a preservação de seus valores mais nobres sem conflito com novos valores, que também sejam importantes? Em síntese, retomar alguns conceitos e critérios de avaliação moral defendidos pela ética das virtudes e pela ética da autenticidade pode contribuir para reposicionar e fortalecer o sujeito ético contemporâneo face aos desafios postos pela sociedade?

Por fim, a releitura da Ética das Virtudes no perfil da sociedade atual se deu através de conceitos-chave (como a felicidade, a virtude e o ser autêntico), com o intuito de contribuir ao resgate da vida boa, mas sem abrir mão do desfrute de outros bens, tão caros aos indivíduos contemporâneos. Afinal, a virtude, o hábito e, especialmente, o caráter moldado por esses dois, são o caminho para que o sujeito desenvolva a autossuficiência e não se deixe levar pela massa, questionando com pensamento crítico essa sociedade.

## - CONCLUSÃO GERAL

Decorridos tantos séculos entre os ensinamentos de Aristóteles sobre ética, permanecemos diante dessas mesmas questões: afinal, os medievais nada estudavam que não estivessem relacionado com as problemáticas humanas, logo, se discutiram questões que afetavam a vida individual e social, esses escritos tendem a nos servirem de fonte para conhecimento do passado e compreensão do presente, balizando nossas ações, nos ensinando a pensar e agir considerando sempre os conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pela humanidade. Posto isso, precisamos destacar sobre a importância do comportamento humano na sociedade, por isso, chamamos atenção sobre os pressupostos da valorização do outro, da sensibilidade sobre o modo de agir. As ações humanas têm que estar coerentes com a ética, mas esta ética tem que estar voltada para interesses coletivos e não somente individuais.

Pretendemos com esse estudo chamar a atenção para a promoção da vida humana, aos olhos de Aristóteles e na perspectiva do filósofo canadense, Charles Taylor; e concluímos que para construir relações saudáveis entre os homens temos que buscar na ética a essência do ser humano, a busca da felicidade, como dizemos anteriormente, a busca da felicidade com dignidade no ideal autêntico.

Todos os espaços sociais são extremamente importantes, seja nas instituições, na família, nas ruas, em toda comunidade, a ética está imbuída no ser humano, que só se torna ético e autêntico se passa a ter essa concepção intrínseca em sua alma. Consequentemente, não basta discutir sobre essas questões, o mais importante é o agir, as ações que levam a esse conceito de felicidade exposta por Aristóteles. Por isso, é na Antiguidade que buscamos fontes e conceitos que possam contribuir para o repensar dessa conduta humana caótica que temos hoje, sempre com vistas para uma ética possível e real, significativa e diretiva para a contemporaneidade.

Defendemos que a recuperação do ideal de autenticidade aliada ao reconhecimento pode fornecer respostas à cultura contemporânea da autenticidade. Não tivemos e não temos a pretensão de afirmar que haja uma única resposta, mas apresentamos bons elementos que podem nos ajudar a melhor viver a complexa realidade em que estamos inseridos. A compreensão do ideal de autenticidade, aliada ao reconhecimento, fornece alguns elementos para que possamos superar esses mal-estares, apresentados por Charles Taylor. Primeiro o individualismo enquanto ideal moral é responsável pela compreensão que possuímos de dignidade humana inerente a todos os seres humanos. Com a queda das hierarquias sociais os indivíduos não são mais reconhecidos pelo papel que ocupam na sociedade, pois podem ocupar

diversos papéis ao mesmo tempo. O que importa é a identidade individual, ou seja, o modo original de ser de cada pessoa.

Diante disso, percebemos que o ideal de autenticidade pode oferecer algumas respostas para os mal-estares contemporâneos. Contudo, há o risco permanente de que o ideal seja desviado, pois é tênue o limite entre o ideal de autenticidade e a cultura da autenticidade. O próprio Taylor admite isso, mas não oferece nenhuma garantia para que possamos viver o ideal de autenticidade sem o perigo de cairmos nos mal-estares contemporâneos. Isso para Taylor prova que a luta não é entre a vivência ou não do ideal de autenticidade, mas entre a boa e má vivência desse ideal.

Portanto, o ideal de autenticidade aliado ao reconhecimento pode oferecer caminhos para a superação da cultura da autenticidade, caracterizada pelos mal-estares: o individualismo enquanto egoísmo, a primazia da razão instrumental e o atomismo político. Como afirmamos, há uma tensão contínua entre cultura e ideal de autenticidade. O que significa que estamos diante de um desafio. Esse desafio não consiste em endossar ou criticar o ideal de autenticidade, mas encontrar a melhor forma de viver esse ideal, isto é, encontrando e expressando uma forma única de ser que leve em consideração as demandas transcendentais ao self.

## - REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: OS PENSADORES. Aristóteles. Trad. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 117-320.
- SANDEL, Michel J. *Justiça – o que é fazer a coisa certa*. Trad. 6º edição - Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- TAYLOR, Charles Margrave. *Ética da Autenticidade*. Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2011.
- TAYLOR, Charles Margrave. *As fontes do "self": a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola. 2010.
- TAYLOR, Charles Margrave. *Uma Era Secular*. São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio Sinos. 2010.
- TAYLOR, Charles Margrave. *Argumentos Filosóficos*. São Paulo: Loyola. 2000.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos Filosóficos V: Introdução a Ética Filosófica II*. São Paulo: Loyola. 2000.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos Filosóficos IV: Introdução a Ética Filosófica I*. São Paulo: Loyola. 1999.